



Capítulo 1

Aspectos da formação territorial de Monte Alegre do Sul

*Luís Gonzaga Truzzi
Marcelo Martins Reis
Roberto Pastana Teixeira Lima
Cristina Criscuolo
Victor Grannier Bittencourt Pinto*

Parede construída com rochas encontradas na região: herança dos imigrantes italianos em Monte Alegre do Sul.
Foto: Cristina Criscuolo.



Centro de Monte Alegre do Sul fotografado a partir do Morro do Cristo, na década de 1950. Na foto, é possível observar os vagões do trem estacionados na estação e o viradouro (canto inferior esquerdo). Foto: Acervo Associação Pró-Memória de Monte Alegre do Sul (Projeto Memória).

A Mogiana

O altivo e bonito trem é hoje uma grande atração nesta pequena e pacata cidade. Anos atrás, era o meio de locomoção de diversas pessoas. Desde bem pequena, observo-o e imagino as grandes histórias que aconteceram ali, dentro dos velhos vagões, hoje tomados pela poeira e pelo esquecimento. Histórias de amor, felicidade e até mesmo de tristeza.



Meu avô me contava sobre como era prazeroso para ele, quando criança, visitar seus familiares na cidade vizinha, uma coisa tão simples que se tornava o melhor e mais divertido passeio de um fim de semana.

Durante toda a estrada, com seu olhar de criança curiosa, ele observava a paisagem atenciosamente: as cachoeiras, rios e os diversos animais que estavam no caminho. Chegando à fazenda de seus familiares, o peito cheio de saudade transbordava felicidade por meio do abraço caloroso e apertado. O sentimento de gratidão vinha após a oração feita ao redor da mesa, enquanto o pequeno João observava, com água na boca, a panela fumegante e cheia de macarrão, esperando ansiosamente a hora de atacar aquela deliciosa comida temperada com pingelo amor.

O sol desaparecia entre as montanhas e o fim da tarde já se anunciava. Após uma xícara quente de café, o trem os aguardava, pronto para levá-los de volta para a casa. Era assim, na simplicidade das sensações, que mais um domingo maravilhoso terminava e garantia seu espaço nas boas lembranças vividas.

Hoje, só resta a velha Maria-Fumaca, parada sempre no mesmo lugar, sem passageiros e sem seu vapor pelos ares, a esconder segredos nunca revelados.

Tudo um dia acaba, mas nem sempre deixa de existir....

Ana Luisa Montini de Souza
8º ano A
Estudante da EMEF Profª Esther Silva Velante
Monte Alegre do Sul (SP)

Monte Alegre do Sul

Monte Alegre do Sul é uma estância turística do estado de São Paulo, Brasil. Segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 havia 7.152 habitantes em Monte Alegre do Sul, dos quais 57,2% correspondia à população urbana e 42,8%, à população rural^[1]. Segundo os primeiros resultados do Censo Demográfico de 2022^[2], o município passou a ter 8.627 habitantes, distribuídos em uma área de 110.308 km² ^[3].



Em 2019, o município realizou a atualização de seus limites territoriais com Pinhalzinho, Serra Negra, Socorro e Tuiuti. O valor da área apresentado na figura será futuramente atualizado, homologado e divulgado nos próximos anos pelos órgãos competentes.



Monte Alegre do Sul também é conhecida como Cidade Presépio

Na foto [s.d.], observamos o local onde funcionava a antiga maternidade, no Ambulatório Alice Girardelli. O edifício era localizado na Rua Capitão José Inácio, esquina com a Rua Lourenço de Godoy. Foto: Acervo Projeto Memória.



A emancipação foi decidida por meio de um plebiscito ocorrido em 1948. A fotografia tirada no cruzamento da Praça Bom Jesus com a Rua Capitão José Inácio ilustra esse momento histórico, e mostra pessoas e dizeres que rametem a esse período. Foto: Acervo Projeto Memória.

Quando Monte Alegre do Sul emancipou-se de Amparo, em 1948, já existia outro município no Brasil, no estado do Pará, denominado Monte Alegre^[4]. Então, naquela época, resolveram chamá-lo de Monte Alegre do Sul.

As pessoas nascidas e registradas em Monte Alegre do Sul são chamadas de monte-alegrenses^[5].

Como a cidade não conta com hospital próprio, grande parte dos monte-alegrenses nasceu em outros municípios, porém foi registrada no cartório de registro civil de Monte Alegre do Sul.

Antigamente existia uma maternidade, que funcionava na Rua Capitão José Inácio. Porém, ela foi desativada em meados da década de 1960 e o seu prédio foi demolido.

No Artigo nº 54 da Lei Federal nº 13.484, de 2017, que dispõe sobre os registros públicos, consta que

A naturalidade poderá ser do Município em que ocorreu o nascimento ou do Município de residência da mãe do registrando na data do nascimento, desde que localizado em território nacional, e a opção caberá ao declarante no ato de registro do nascimento^[6].



A sede está situada em:

- Latitude^[8]: 22°40'52" S
- Longitude^[9]: 46°40'52" W
- Altitude média^[10]: 762,75 m

Quanto à divisão político-administrativa, Monte Alegre do Sul faz limite com os seguintes municípios do estado de São Paulo^[6]:

- * Serra Negra (Norte)
- * Tuiuti e Pinhalzinho (Sul)
- * Amparo (Oeste)
- * Socorro (Leste)

Perceba como as altitudes variam entre Monte Alegre do Sul e o Litoral Paulista. O perfil representa o eixo A/B disponível no mapa. Fonte: Inpe^[7].



No Brasil, cada município tem seus símbolos. Eles compõem e representam a identidade dos seus habitantes e do território no qual estão situados.

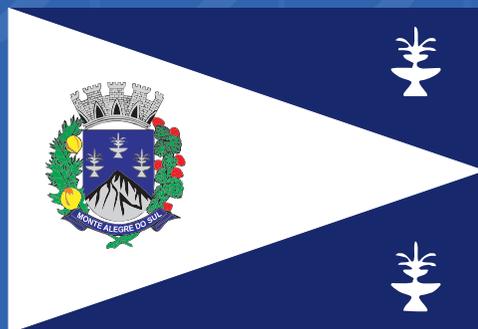
Observe abaixo os símbolos do município de Monte Alegre do Sul^[6, 8, 9, 57]

Hino

Letra | José Martins de Oliveira

<i>Ó Monte Alegre querida!</i>	<i>A cidade que é tão pequenina</i>
<i>Ah! Terra que Deus criou!</i>	<i>É grande na admiração,</i>
<i>O povo que vive aqui,</i>	<i>Acolhendo os nossos amigos</i>
<i>Vive em paz e no amor que Deus deixou,</i>	<i>Com ternura e muita paz no coração.</i>
<i>As montanhas alegrando as paisagens</i>	<i>Sua fonte de águas cristalinas</i>
<i>Com a imagem de Cristo Redentor</i>	<i>Banha linda nossas noites de luar</i>
<i>Assim vivemos com alegria,</i>	<i>E nossa gente, alegremente</i>
<i>Todos unidos pelo amor,</i>	<i>Vai trabalhando sem parar.</i>
<i>É por isso que nossa cidade</i>	<i>No dia 22 de novembro,</i>
<i>Tem o nome de cidade presépio,</i>	<i>Cumpriremos a nossa tradição,</i>
<i>E o povo que vem visitá-la</i>	<i>Reunindo os artistas da terra</i>
<i>Nunca mais essa terra esquece,</i>	<i>Todos juntos seguiremos com razão</i>
<i>Séis de Agosto é a marca sublime</i>	<i>A cidade em ritmo de festa</i>
<i>De homenagem ao Senhor Bom Jesus</i>	<i>Se completa numa só família</i>
<i>Percorrendo as ruas da cidade</i>	<i>Fazemos isso com alegria</i>
<i>Os fiéis carregando a cruz,</i>	<i>Pra homenagear Santa Cecília.</i>

Bandeira



Brasão de armas



Atividade sugerida aos alunos:
Quais elementos contidos nos símbolos chamam mais a sua atenção?

Saiba mais Conheça o significado dos elementos que compõem o brasão de armas e a bandeira do município, definidos pela Lei nº 448, de 11 de setembro de 1973^[9].



O lugar é a porção do espaço onde se constroem relações de identidade e pertencimento, onde as pessoas criam seus vínculos com a comunidade e a natureza.
Foto: Tiago Degasperri.

O acesso principal a Monte Alegre do Sul ocorre pela Rodovia SP-137, Rodovia Professora Pedrina Maria da Silva Valente, que liga o município a Amparo, na altura do Km 137 da Rodovia SP-360 (Rodovia Engenheiro Constâncio Cintra).

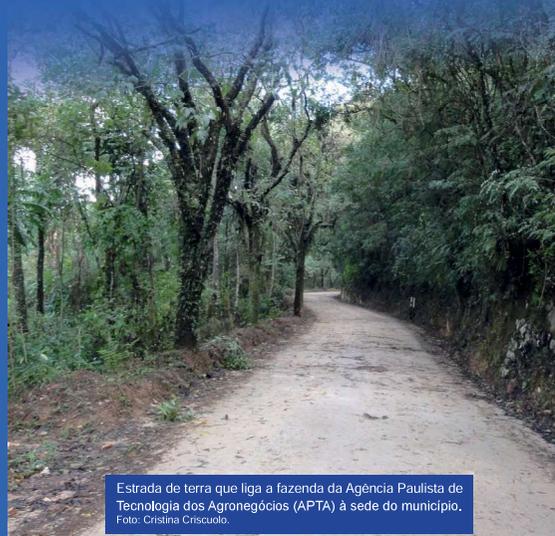
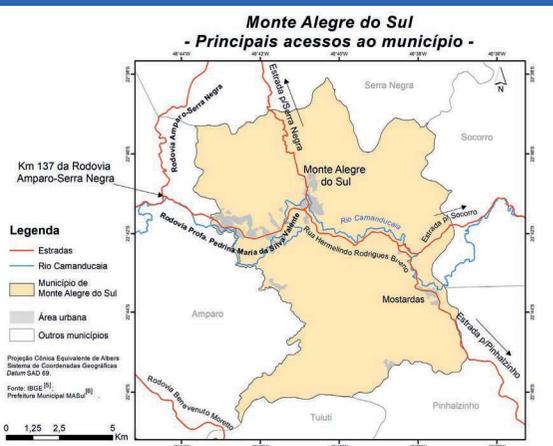
Os acessos secundários podem ocorrer pelas estradas vicinais:

- Estrada vicinal Prefeito Claudio Tedeschi: continuação da Rua Coronel Luiz Leite, que liga Monte Alegre do Sul a Serra Negra; e
- Estrada vicinal Nelson Taufic Nassif: continuação da Rua Hermelindo Rodrigues Bueno, que liga Monte Alegre do Sul ao Distrito de Mostardas. A estrada tem uma bifurcação e um ramo para Socorro e outro para Pinhalzinho, como pode ser observado no mapa.

Há também uma rede de estradas municipais que percorrem os bairros e as propriedades rurais, e oferece a moradores e visitantes acesso aos diversos locais do município.

Principais distâncias do município até⁽⁹⁾:

- Amparo: 13,30 km
- São Paulo (capital estadual): 149,28 km (via Jundiá/Itatiba)
- Brasília (capital federal): 925,47 km



Estrada de terra que liga a fazenda da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA) à sede do município. Foto: Cristina Criscuolo.



Vista aérea do portal de Monte Alegre do Sul (seu principal acesso), a partir da Rodovia SP-137. Foto: Tiago Degaspari.

Atividade sugerida aos alunos:
Desse locais, quais estão presentes em Monte Alegre do Sul? Registre em seu caderno o endereço de cada um desses estabelecimentos.

Locais que costumamos encontrar nas sedes dos municípios brasileiros:

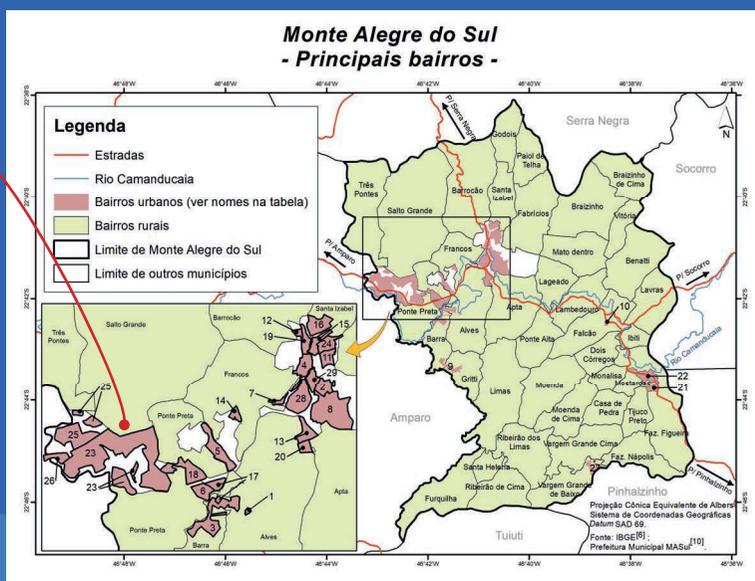
- Prefeitura municipal;
- Câmara municipal;
- Fórum;
- Igreja matriz;
- Cartório;
- Delegacia;
- Agência postal;
- Agências bancárias;
- Terminal rodoviário;
- Cemitério;
- Hospitais, postos de saúde, consultórios médicos e odontológicos, clínicas;
- Estabelecimentos comerciais e de serviços em geral.



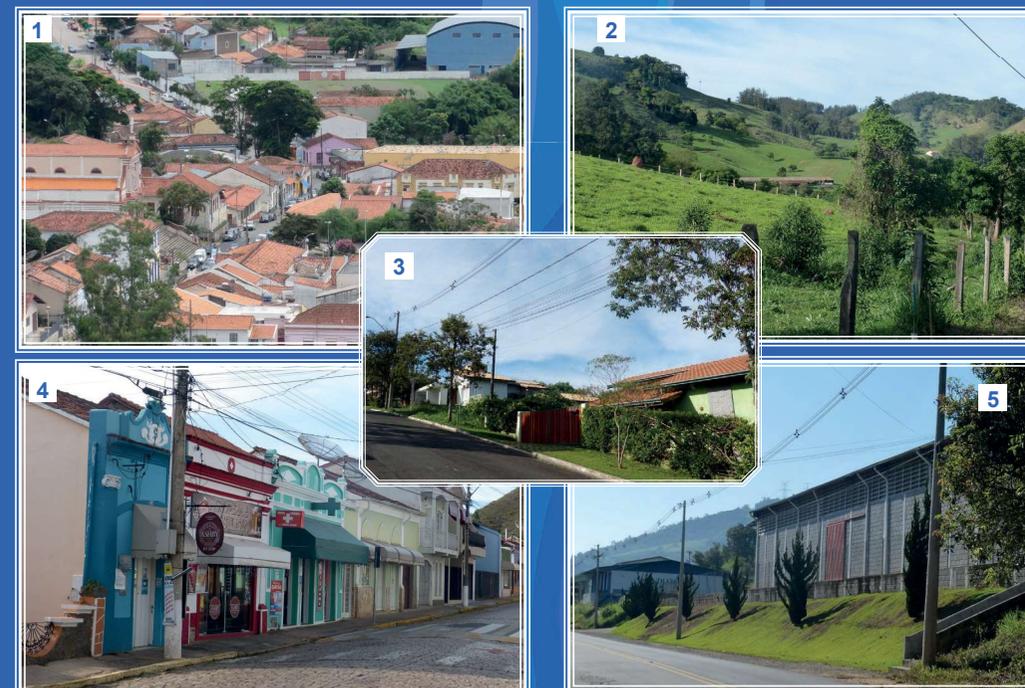
Edifícios da Prefeitura e da Câmara Municipal de Monte Alegre do Sul. Foto: Acervo Embrapa.

Observe na figura os principais bairros de Monte Alegre do Sul (em 2020).

Bairros urbanos de Monte Alegre do Sul	
Nome do bairro	Nº
Alves	1
Balneário	2
Barra	3
Centro	4
Chácaras Monte Alegre	5
Chácaras Ponte Preta	6
Francois	7
Girardelli	8
Gritti	9
Jardim Camanducaia	10
Jardim dos Ypes	11
Jardim Itália	12
Jardim Vitória	13
Jardim Heli	14
Joaquim de Oliveira	15
Jose Batista Gonçalves	16
Loteamento Eliana	17
Loteamento Santo Antonio	18
Luis Leite	19
Menino Jesus	20
Morada do Sol Nascente	21
Mostardas	22
Orypaba	23
São Geronimo	24
Terras de Monte Alegre	25
Três Pontes	26
Vargem Grande	27
Vila Alice	28
Viriato Valente	29



O município de Monte Alegre do Sul é composto por dois distritos: o Distrito-Sede e o Distrito de Mostardas^[2]. O Distrito-Sede concentra a maior parte dos equipamentos urbanos com função administrativa ou de serviço público.



Monte Alegre do Sul divide-se em dezenas de bairros, e cada um deles apresenta suas próprias características e funções: Alguns são mais urbanizados (1), outros são rurais (2). Há bairros predominantemente residenciais (3) e aqueles que mesclam residências, comércio, serviços (4) e outros onde se localizam as indústrias (5).
Fotos: Victor Grammer Bittencourt Pinto (1), Luis Gonzaga Truzzi (2,3,4,5).

Origem de Monte Alegre do Sul

Monte Alegre do Sul foi apresentada nas páginas anteriores da forma como a conhecemos atualmente. Mas, quando estudamos sobre a formação de um determinado local, precisamos retornar algumas centenas ou dezenas de anos no tempo. Para isso, contamos com o apoio de documentos antigos, livros, mapas, depoimentos e muita vontade de conhecer os fatos históricos.

Os povos ancestrais fizeram alterações na paisagem segundo as suas necessidades, vontades ou conveniências. Eles desbravaram regiões, abriram caminhos, criaram **agrupamentos humanos**, introduziram a agricultura e outras atividades econômicas. Com o tempo, eles conheceram e interagiram com pessoas de diferentes locais, onde aprenderam, adaptaram e ensinaram novas formas de fazer as coisas cotidianas.

Os antepassados tomaram muitas **decisões ao longo do tempo**, sobre o que era apropriado fazer, considerando as necessidades que vivenciavam em um determinado momento da história.

Como resultado de tais ações, cada município tem hoje a sua paisagem e sua história, ambas compostas por características particulares e que os diferenciam uns dos outros.

Muitos dos agrupamentos humanos que se originaram no passado transformaram-se, mais tarde, nos municípios, distritos e bairros que conhecemos atualmente.

Para facilitar o entendimento sobre essas transformações ocorridas na paisagem, costumamos analisá-las de acordo com os diversos ciclos econômicos ocorridos em nosso País e com a forma como cada região transformou-se ao interagir com esses ciclos. Nas próximas páginas, vamos relatar alguns acontecimentos históricos ocorridos em Monte Alegre do Sul, Amparo e Bragança Paulista, assim como as relações que se estabeleceram entre as pessoas e o meio ambiente durante o passar do tempo e os ciclos econômicos ocorridos no Brasil.

Os primeiros sinais da presença humana

Possivelmente, a região onde hoje se situa Monte Alegre do Sul foi pouco alterada até o século XVI e, naquela época, todas essas terras ainda pertenciam ao núcleo populacional de São Paulo (aquele que foi criado nos arredores do Pátio do Colégio). A descoberta de alguns artefatos líticos em Monte Alegre do Sul nos indicam que, antes da chegada dos colonizadores europeus, provavelmente **a região era ao menos rota de passagem de ameríndios**^[1].

Os ameríndios foram os primeiros povos a ocuparem as terras brasileiras, e sua subsistência baseava-se na caça e na coleta de alimentos diretamente da natureza. Alguns grupos implantaram assentamentos populacionais e desenvolveram formas de agricultura rotativa, além de

praticar a dispersão de sementes^[3]. Os rios eram fonte de alimentação e também orientadores no deslocamento das pessoas durante aquela época.

Os registros históricos nos revelam que, na região dos rios Atibaia, Jaguari e Camanducaia, havia povos dos grupos guarani e tupinambás^[2, 13]. Até o momento, não foram encontrados vestígios de aldeamentos em Monte Alegre do Sul, como forma de comprovar que as terras tivessem sido ocupadas por ameríndios, com fixação de moradias e desenvolvimento de agricultura^[11]. Alguns termos presentes em nossa língua vernácula, no entanto, fazem referência aos povos indígenas que aqui viviam, como por exemplo, as palavras: Ibiti, Camanducaia, Jaguariúna, entre outras.



Trilhas ou caminhos nas matas ilustram o que poderia ter sido uma cena recorrente na paisagem da região ocupada atualmente por Monte Alegre do Sul antes da chegada dos colonizadores europeus.
Foto: Cristina Criscuolo.



Artefato lítico que revela a presença de ameríndios onde atualmente está o bairro Ribeirão dos Limas.
Foto: Lima^[9].

A transformação da paisagem

Antigamente, Monte Alegre do Sul pertencia a Amparo, que, por sua vez, já fez parte de Bragança Paulista. Os primeiros vestígios de agrupamentos humanos descobertos por meio de documentos históricos nos permitem induzir que a ocupação da região começou a ocorrer de forma mais intensa apenas por volta do século XVIII^[11]. Nesse período, o território brasileiro ainda era dividido em capitânicas hereditárias e sesmarias. Tal divisão foi utilizada para promover a ocupação efetiva e o deslocamento humano entre as regiões do Brasil.



O Rio Camanducaia é o principal curso d'água que corta o município.
Foto: Cristina Criscuolo.

Para compreendermos o que foram as sesmarias, precisamos antes relembrar a primeira divisão territorial do Brasil, as capitanias hereditárias. As capitanias eram grandes glebas de terras atribuídas pelo rei de Portugal às pessoas, geralmente da nobreza ou militares, interessadas em desbravar o Brasil e obter riquezas a partir de sua exploração.

A delimitação das capitanias sofreu várias alterações ao longo do tempo. Como as capitanias eram extensas, foram subdivididas em áreas menores denominadas sesmarias. Mesmo sendo menores, as sesmarias eram ainda muito grandes em relação aos padrões das propriedades rurais que existem na atualidade.

A exploração das sesmarias poderia ocorrer, basicamente pela extração de recursos minerais ou pela implantação de atividades agrícolas em larga escala, com a finalidade prioritária de abastecer o mercado europeu.



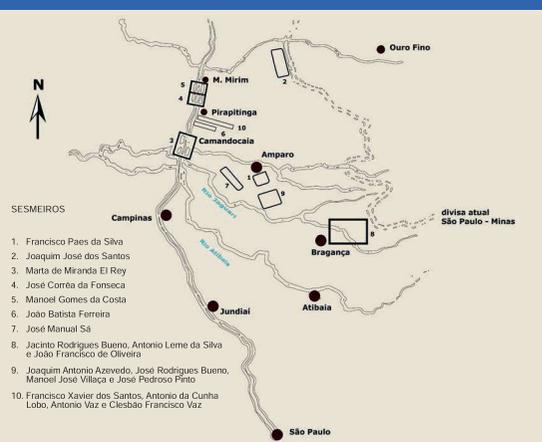
Delimitação inicial das Capitanias Hereditárias, no século XVI. Fonte: Britânica^[1].

Observe a citação abaixo, que relata a presença de sesmarias nas regiões de Amparo e Mogi Mirim no século XVIII.

Não apenas nas sesmarias, mas à volta delas encontramos população assentada. Uma delas é a sesmaria do Pirapitingui que foi concedida a Francisco Xavier dos Santos, Antônio da Cunha Lobo, Antônio Vaz e Elebão Francisco Vaz, e que estava situada entre a região de Amparo e Mogi Mirim (sic).

Roberto Pastana Teixeira Lima. Apointamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010^[1].

Sesmarias da região de Amparo e Mogi Mirim. Foto: LIMA^[1].



A região durante os ciclos da cana-de-açúcar e do ouro no Brasil

As capitanias hereditárias e as sesmarias foram os primeiros modelos de estrutura fundiária do Brasil. As relações de trabalho estabelecidas nesses locais foram essenciais para a implantação do Ciclo da Cana-de-Açúcar durante o Período Colonial. O Ciclo da Cana, como também é conhecido, foi iniciado logo após o Descobrimento do Brasil e perdurou até meados do século XVIII.

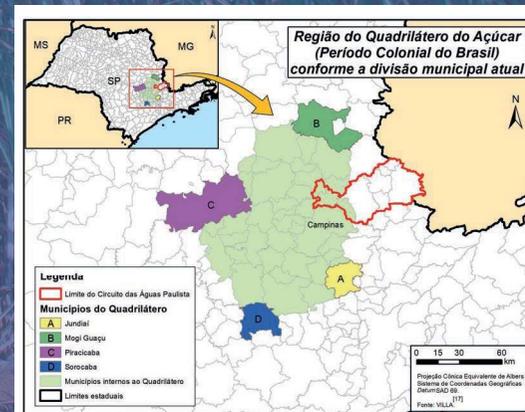
Embora o Ciclo da Cana-de-Açúcar tivesse mais expressividade na Zona da Mata nordestina, também foi importante para a ocupação das terras do atual estado de São Paulo. As primeiras mudas de cana chegaram ao Brasil no início do século XVI e foram cultivadas nos arredores de São Vicente, estendendo-se pelo litoral. Entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, a cana instalou-se e prosperou no interior de São Paulo, na região que ficou conhecida como "Quadrilátero do Açúcar". O Quadrilátero tinha como vértices as terras dos atuais municípios de Sorocaba, Piracicaba, Mogi Guaçu e Jundiá, muito próximas aos municípios que compõem atualmente o Circuito das Águas Paulista^[15, 16]. Naquela época, a mão de obra utilizada nos engenhos de cana era basicamente composta por pessoas escravizadas de origem africana. A proximidade do Quadrilátero do Açúcar com Amparo nos revela a expressiva circulação de pessoas que havia na região durante aquele período.

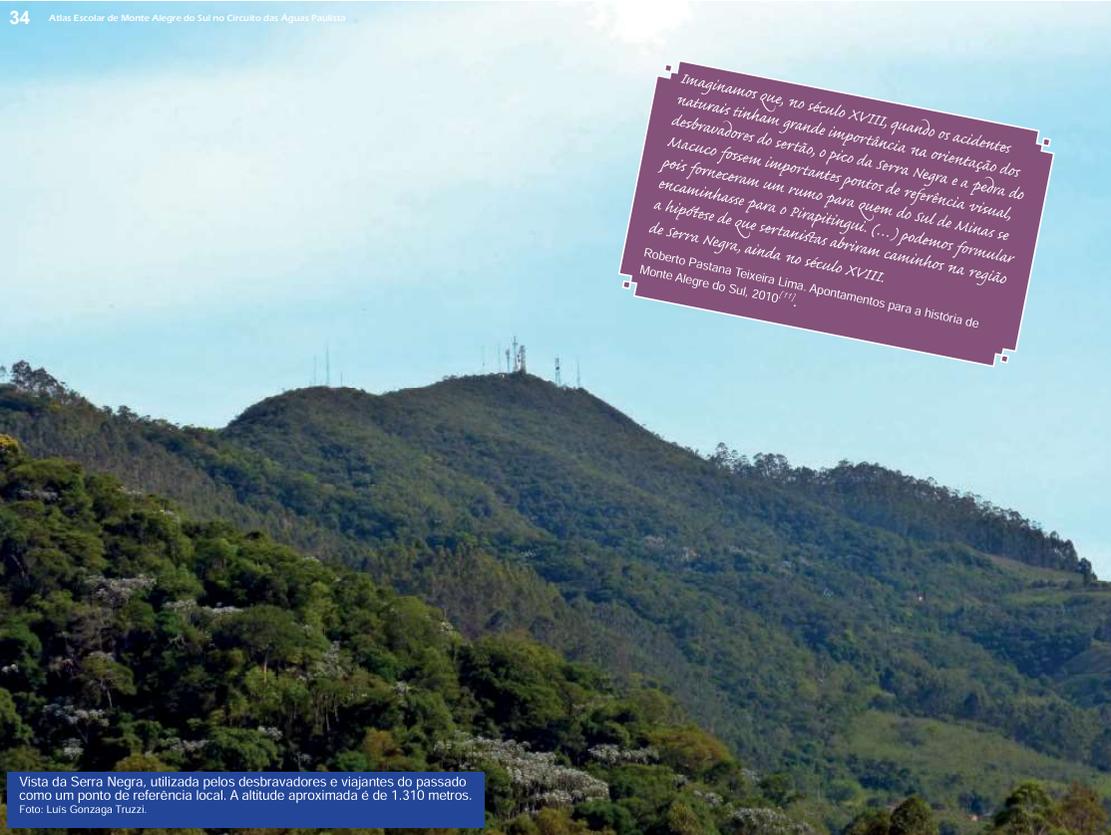
Os registros históricos nos indicam que, naquela época, na região de Amparo havia plantações de cana-de-açúcar que eram utilizadas para abastecer pequenos engenhos^[17]. Além da cana, havia também lavouras de subsistência, de feijão e milho, e criação de animais, que alimentavam as famílias que habitavam o local^[18]. A paisagem da região era formada pela nascente atividade agrícola e pelos morros florestados da Serra da Mantiqueira.

Concomitante ao período açucareiro, outra frente de circulação de pessoas que havia no Brasil durante século XVIII esteve relacionada à exploração de ouro e pedras preciosas nas atuais terras de Minas Gerais e Goiás.

Esse momento histórico também foi importante para compreendermos a ocupação da região onde hoje se situam os municípios do Circuito das Águas Paulista.

Naquela época, as pessoas se locomoviam por terra, em estradas precárias. Os rios, morros e serras eram utilizados como ponto de referência para orientar os viajantes no deslocamento das tropas de uma região a outra. A tração animal era a principal energia utilizada como meio de transporte, principalmente por muare. Desbravadores, bandeirantes, tropeiros, entre outros faziam longas viagens e, pelo caminho, as pessoas e os animais precisavam fazer algumas paradas para se alimentar, descansar e dormir. Nesses pontos de parada, foram constituindo-se pequenos agrupamentos humanos e, mais tarde, muitos desses pousos deram origem a vilas e cidades.

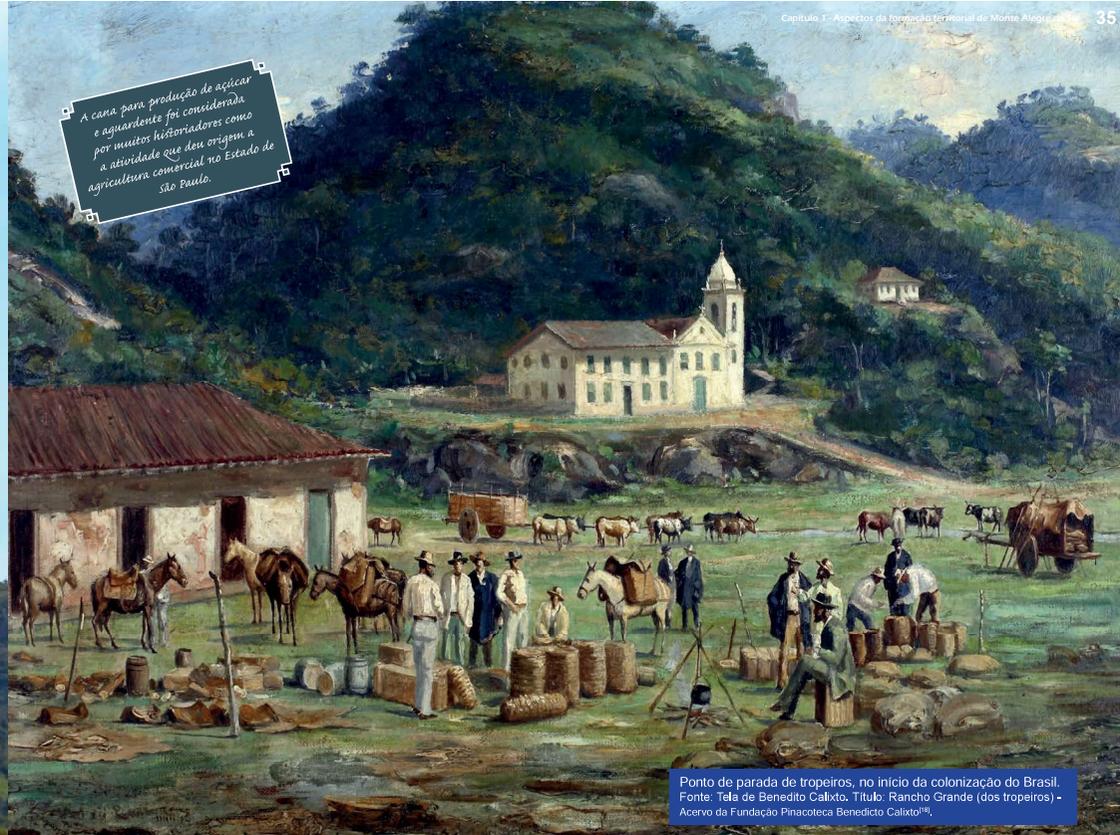




Imaginamos que, no século XVIII, quando os acidentes naturais tinham grande importância na orientação dos desbravadores do sertão, o pico da Serra Negra e a pedra do Macuco fossem importantes pontos de referência visual, pois forneceram um rumo para quem do sul de Minas se encaminhava para o Pirapitingua (...) podemos formular a hipótese de que sertanistas abriram caminhos na região de Serra Negra, ainda no século XVIII.

Roberto Pastana Teixeira Lima. Apontamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010¹¹⁷.

Vista da Serra Negra, utilizada pelos desbravadores e viajantes do passado como um ponto de referência local. A altitude aproximada é de 1.310 metros. Foto: Luis Gonzaga Truzzi.



A cana para produção de açúcar e aguardente foi considerada por muitos historiadores como a atividade que deu origem a agricultura comercial no Estado de São Paulo.

Ponto de parada de tropeiros, no início da colonização do Brasil. Fonte: Tela de Benedito Calixto. Título: Rancho Grande (dos tropeiros) - Acervo da Fundação Pinacoteca Benedito Calixto¹¹⁸.

Durante o Período Colonial brasileiro, existiam regiões especializadas que se destacavam: a) na produção de cana-de-açúcar; b) na extração de produtos da natureza, como o pau-brasil, as ervas ou drogas do sertão; c) na mineração de ouro e pedras preciosas; d) na criação de animais, entre eles os muars, que, como vimos, serviam como meio de transporte de pessoas e também das mercadorias que eram comercializadas em todos os cantos.

Os principais produtos que circulavam pelas estradas para serem comercializados eram: açúcar, aguardente, rapadura, arroz, feijão, charque, algodão, farinhas (de mandioca, milho e trigo), doces (como marmelada), queijos, mel, ferramentas, ceras, sabões, estribos, selas, chicotes, chapéus, tecidos, roupas, cobertores, louças, armas e, infelizmente, até pessoas em situação de escravidão^{115,161}.

O ouro extraído em Minas Gerais e Goiás também era transportado dessa forma. A fim de evitar roubos do metal e das valiosas pedras preciosas, o governo colonial tinha o hábito de instalar postos de fiscalização nos caminhos, para controlar os deslocamentos e cobrar impostos dos viajantes.

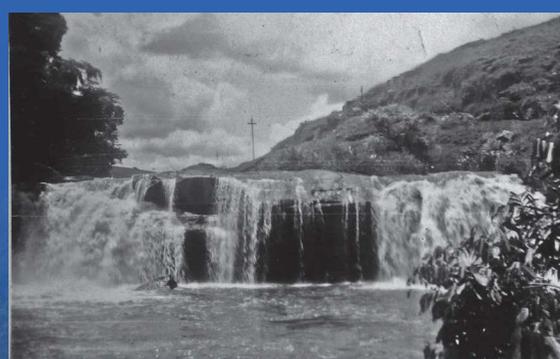
A região de Bragança Paulista era um desses locais estratégicos durante o Ciclo do Ouro, pois localizava-se no caminho entre Minas Gerais e São Paulo. Havia, inclusive, disputas entre São Paulo e Minas Gerais em relação à definição das suas fronteiras. A presença do ouro e a possibilidade de extração para fins exploratórios era um dos critérios para que as localidades pertencessem a Minas Gerais ou a São Paulo. Por centenas de anos houve divergências relacionadas aos limites políticos entre esses dois estados.

A região de Bragança e Amparo recebeu expedições para verificar se em suas terras havia ou não a presença de ouro. Em 1771, por exemplo, um representante do governo chamado Simão de Toledo Piza percorreu as terras dos atuais estados de São Paulo e Minas Gerais com esse propósito.

Ele e seu grupo passaram próximos ao Rio Camanducaia e chegaram a encontrar vestígios de ouro na região. Porém, a quantidade de ouro encontrada foi tão pequena que não justificou a viabilidade de exploração comercial do minério.

Nesse caso, a ausência do ouro também serviu para posicionar a região de Bragança (e Amparo e Monte Alegre do Sul) nas terras do atual estado de São Paulo e não de Minas Gerais¹¹¹.

Mesmo não havendo quantidade suficiente de ouro capaz de justificar um agrupamento com essa finalidade, a região de Bragança Paulista participou desse momento histórico relacionado ao Ciclo do Ouro no Brasil. Devido à sua localização estratégica em relação às áreas extrativistas, o ouro foi importante para ampliar a circulação de pessoas na região e atrair oportunidades de negócios, além de ocasionar transformações na paisagem.



A expedição capitaneada por Simão de Toledo Piza a partir de 1771 pelo Rio Camanducaia chegou a encontrar ouro próximo a Cachoeira do Falcão, em Monte Alegre do Sul (lembrando que antigamente Monte Alegre do Sul fazia parte de Bragança Paulista)¹¹¹.
Foto: Arquivo do Projeto Memória.

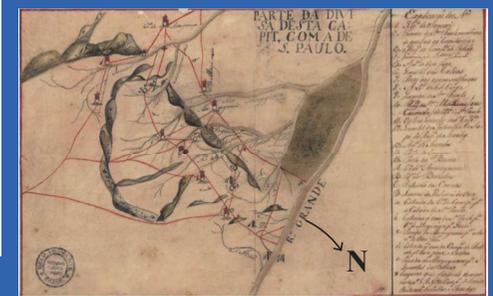


Regiões especializadas na produção de muars (em meados do século 18).
Fonte: Adaptado de THÉRY MELO¹²⁰ GANCHO e TOLEDO¹²¹.



Durante os ciclos da cana e do ouro, a região de Amparo passou por duas grandes frentes colonizadoras:

- Uma delas proveniente de Bragança Paulista, que em 1797 se desmembrava de Atibaia.
- A outra, originada de Mogi-Mirim e se deslocava em direção ao Rio Camanducaia¹¹¹.



Mapa de parte da divisa entre os antigos estados de Minas Gerais e São Paulo (data provável: 1801). O mapa não foi feito seguindo convenções cartográficas (observe onde o Norte está posicionado), porém é um registro de relevante interesse histórico. A partir da análise técnica desse documento, verifica-se que, na região de Bragança Paulista, ainda havia, naquela época, conflitos herdados durante o Ciclo do Ouro pela jurisdição das terras entre os dois estados.
Fonte: Arquivo Público Mineiro¹²².

Em 1797, Bragança tratava da sua emancipação de Atibaia. Como o território que esse novo município reivindicava fazia divisas com Mogi Mirim, a descrição perimetral da área e sua posterior demarcação foram obviamente necessárias. Enquanto os bragantinos afirmavam sua divisas no rio Camanducaia, os mojimiranos localizavam o seu marco divisorio na serra do Tuuti. (...) Durante um bom tempo, essas divisas permaneceram 'flutuantes', variando conforme a presença de ouro.
Roberto Pastana Teixeira Lima. Apontamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010¹¹⁹.

A formação do município de Monte Alegre do Sul

Por que, ao contarmos a história de Monte Alegre do Sul, em alguns momentos precisamos nos referir a Amparo, Bragança Paulista ou até mesmo a Atibaia e São Paulo?

Nos séculos XVIII e XIX, as localidades da região não apresentavam a mesma configuração atual em relação aos limites político-administrativos. Assim como as divisas entre os estados se firmaram, os limites municipais também se alteraram com o passar do tempo.

Essas mudanças que ocorreram nos territórios são contínuas e, inclusive, ocorrem nos dias atuais.

Durante os primeiros séculos da colonização do Brasil, a paisagem original deu lugar à paisagem transformada pela ação humana. Quanto maior era o vínculo da região em relação aos ciclos econômicos, maior era seu poder transformador, pois as mudanças vinham também a partir da circulação e fixação das pessoas.

Assim, conforme os anos se passaram, novos agrupamentos surgiram ou deixaram de existir. Nos diversos locais, as pessoas criavam formas próprias de se organizar, surgiam novas lideranças, os habitantes compunham coletivamente as suas próprias identidades. Esse processo evolutivo, em

geral, ocasionava movimentos emancipatórios entre os locais. Os grupos buscavam autonomia administrativa sobre o território em relação aos seus locais de origem.

O desmembramento e a criação de novos municípios foi frequente no passado e ocorre a todo tempo e em todos os lugares. Monte Alegre do Sul, por exemplo, já foi um distrito de Amparo. A criação do município de Monte Alegre do Sul, ou seja, a sua emancipação em relação a Amparo, ocorreu somente em 24 de dezembro de 1948, pela Lei Estadual nº 233³².

Observe na figura abaixo alguns desmembramentos importantes que estão relacionados à história de formação de Monte Alegre do Sul. Perceba como os limites políticos de um território são dinâmicos e que, para compreendermos a história de formação dos municípios, precisamos relacioná-los, em diversos momentos, à história de toda a região³³.

No período colonial os ciclos econômicos eram baseados no extrativismo, na agricultura e na mineração.

Portanto, o território onde hoje está localizada Monte Alegre do Sul, pertenceu a São Paulo até 1769. Depois, passou a pertencer a Atibaia até 1797. Em seguida, fez parte de Bragança Paulista até 1857 e, por último, de Amparo, até 1948, quando tornou-se um município independente.

Formação do município de Monte Alegre do Sul



Fonte: IBGE³⁴; Prefeitura de Amparo³⁵; SEADE³⁶, ³⁸.

Observe como é descrito nos registros históricos o surgimento de Bragança Paulista:



Praça Jorge Pires de Godoy, na década de 1970: antigo Largo da Cadeia Velha, no local onde se formou a primeira aglomeração de Amparo. Foto: Arnaldo Teixeira Lima.

Antônio Pires Pimentel e sua esposa Ignácia da Silva Pimentel, moradores no então Distrito de Atibaia, em cumprimento de uma promessa, constroem uma capela em louvor a Nossa Senhora da Conceição, numa colina, à margem direita do Ribeirão Cauçete (hoje, Lavapés, pequeno afluente do Rio Jaguary). Segundo se tem conhecimento, Antônio Pires Pimentel, estava doente e desenganado pelos médicos. Então, sua esposa fez uma promessa a Nossa Senhora da Conceição pelo recuperação do marido, alcançando a graça. Em agradecimento, o casal construiu a capela no alto da colina para venerar a santa. E, naquele local, a partir de então, começou a servir de passagem e descanso para tropeiros. E, começaram a surgir, ao redor da capela, ranchos e barracas. Assim teve início o pequeno povoado que recebeu o nome de Conceição do Jaguary e que tem como data de fundação o dia 15 de dezembro de 1763.³⁹

Agora observe os relatos sobre o surgimento de Amparo:

É muito verossímil que os pequenos proprietários instalados nas margens do Camandóia tenham erigido para seu conforto a capela ao redor da qual, mais tarde, seriam levantadas as primeiras casas da povoação de Amparo. (...) Sendo assim, supomos que os assentamentos de famílias de pequenos proprietários às margens do Camandóia e de grandes proprietários na região do Bronado, tenham provocado a alteração do curso da estrada Bragança – Moji-Mirim. Esta, que antes seguia um traçado pelo bairro das Duas Pontes, teria uma variante nova passando pelo Bronado ou bairro dos Silveiras.

Dessa forma, acreditamos que o primeiro núcleo de povoação de Amparo tenha se originado na bifurcação dessa estrada. Já nos referimos ao caminho que ligava a região de Campinas ao Sul de Minas. Foi esse caminho, aliado às exigências da diocese para que se encontrasse um local ideal para a construção de uma nova capela para o povoado, que determinou o traçado do eixo viário Leste-Oeste. (...) O local para a nova capela trouxe com ele o caminho que ligava a região de Campinas ao Sul de Minas. Notemos que esse caminho, em todo o desenvolvimento da cidade, acompanhava uma das curvas de nível do terreno, tendo um perfil quase inteiramente sem declividade. Estava consumado o eixo viário Leste-Oeste. Nos primeiros tempos, era formado pela Rua Direita, Rua do Rosário e Rua do Cemitério. Grande parte dele pode ser constatado hoje no desenvolvimento das ruas 13 de Maio, 15 de Novembro, Luís Leite, Cipitão, Alceu Vieira e Francisca do Morato de Oliveira.

A continuação desse eixo para o Leste era determinada pelo caminho que seguia para o Sul de Minas e atravessava o território que, bem mais tarde, seria desmembrado como município novo com a denominação de Monte Alegre do Sul.

Roberto Pastana Teixeira Lima. Aparentamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010³⁷.

Durante o Período Colonial, era comum a instalação de agrupamentos humanos próximos aos rios e nascentes, para facilitar o acesso da população à água e também porque muitas vezes eram locais de pouso para viajantes. Após a constituição dos pequenos agrupamentos humanos, um proprietário de terras locais, em geral, cedia um terreno para construção de uma capela e, ao redor dela, iniciava-se a concentração de pessoas, a implantação de uma infraestrutura inicial do que viria a ser futuramente uma freguesia, um distrito, uma vila, uma cidade e um município. Bragança Paulista, Amparo e Monte Alegre do Sul se formaram de maneira semelhante à que foi relatada.

Saiba mais:
Conheça a origem de outros municípios do estado de São Paulo.



A formação do município de Monte Alegre do Sul

Além das transformações ocasionadas pelos ciclos da **cana-de-açúcar** e do ouro, o **Ciclo do Café** também contribuiu para formar a paisagem que conhecemos atualmente na região.

O café chegou ao Brasil por volta de **1727**, vindo da Guiana Francesa^[27]. Em meados de 1760, foram introduzidas as primeiras lavouras comerciais no Rio de Janeiro e, já no Período Imperial, até 1840, elas se expandiram pelo Vale do Rio Paraíba do Sul (fluminense e paulista).

Com o passar do tempo, os solos da região do Vale do Paraíba tornaram-se inadequados para a cultura, devido ao esgotamento dos nutrientes e à erosão. Tais problemas foram relacionados ao uso de práticas agrícolas não sustentáveis.

O empobrecimento do solo do Vale do Paraíba fez com que o café fosse deslocado para outras regiões, expandindo a fronteira agrícola do Brasil. Após a passagem pelo Vale, em um segundo momento do Ciclo do Café, as lavouras foram instaladas em terras paulistas, na região de Bragança Paulista, Mogi Mirim, Campinas e Ribeirão Preto. Essa fase intensificou-se por volta do ano 1840. A região onde hoje está localizado o município de Monte Alegre do Sul, portanto, participou da segunda onda de expansão do café ocorrida no estado.



Expansão do café no Brasil até 1960.
Fonte: Adaptado de Rodrigues^[28].

A terceira onda de deslocamento durante o ciclo do café ocorreu a partir de 1865, com a expansão, no estado de São Paulo, para a região de Araraquara, São Carlos e São José do Rio Preto. Na figura acima, é possível observar as grandes fases de expansão da cafeicultura durante o século XIX.



Fazenda Bom Jesus em Monte Alegre do Sul (casa de 1877).
Foto: Acervo Projeto Memória.

“*Até 1888, a mão de obra utilizada pela cafeicultura era predominantemente formada por povos escravizados, de origem africana.*”

“*Há indícios de que muitas das propriedades situadas nos terrenos montanhosos haviam sido divididas e transformadas em propriedades menores. O mesmo não aconteceu com as grandes extensões de terrenos onde, até meados do século XIX, explorava-se a cana para fabricação de açúcar e aguardente; embora, já nessa ocasião, se produzisse também o café.*”

“*Foi-se notícia de que a café, pela primeira vez, foi plantada no município (de Anjura) por volta de 1830 (até os anos 1850, a lavoura cafeeira foi lentamente ganhando espaço nos terrenos do município e, nessa ocasião, diversos acontecimentos maiores fizeram esquecerem).*”

“*Em primeiro lugar, a abolição do tráfico de escravos para o Brasil coincidiu com a expansão do café no Oeste Paulista, em decorrência do declínio da principal região cafeeira – o Vale do Paraíba – e como resposta à crescente demanda internacional de café (1).*”

“*Em segundo lugar, a alta do preço das terras no município de Campinas fez com que muitos fazendeiros procurassem terras na periferia.*”

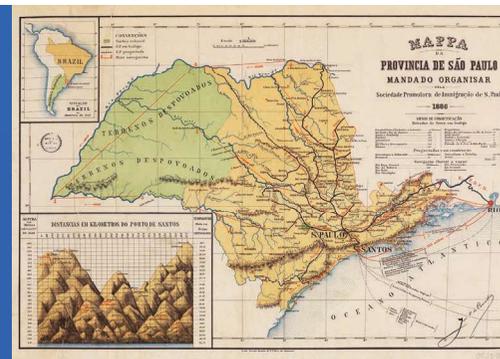
Roberto Pastana Teixeira Lima. Apontamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010^[29].

A partir de 1885 o café migrou, enfim, para o centro-oeste paulista e ocupou novas áreas dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo^[30].

A expansão da cafeicultura ocorreu sobre áreas que já haviam sido transformadas pelo Ciclo da Cana-de-Açúcar, mas migrou também para novas regiões, cobertas por florestas até então nativas.

Observe o mapa da Província de São Paulo em 1886, durante o Ciclo do Café. Perceba, entre outras coisas, como os limites do território eram diferentes dos que conhecemos atualmente e a existência, no estado, de áreas que ainda não haviam sido ocupadas pela cafeicultura. No mapa, tais áreas foram identificadas como “terrenos despovoados”, porém eram ocupadas por povos indígenas. Em 1887, como forma de impulsionar o crescimento da cafeicultura nacional, foi criada a antiga Estação Imperial de Campinas, que mais tarde passou a se chamar Instituto Agrônomo (IAC)^[30].

A partir de 1932, as pesquisas científicas com café intensificaram-se, com estudos sobre citologia, biologia da reprodução e melhoramento genético. Muitos experimentos foram desenvolvidos nas estações experimentais do IAC, inclusive em Monte Alegre do Sul^[35, 59].



Mapa da Província de São Paulo, organizado sob demanda da Sociedade Promotora da Imigração de São Paulo, 1886.
Foto: Brasil^[34].



O cafeeiro é uma planta da família Rubiaceae, do gênero *Coffea*. A espécie mais cultivada na América do Sul é o café arábica (*Coffea arabica* L.)^[36].
Foto: José Roberto Miranda.

O local onde seria formado o atual município de Monte Alegre do Sul começou a ser ocupado por volta de 1873, durante o Ciclo do Café^[6]

A ocupação inicial do município teria ocorrido próxima às margens do Rio Camanducaia, por famílias provenientes de Amparo e Bragança Paulista^[6]. Como era frequente até o século XIX no Brasil, o início oficial de Monte Alegre do Sul esteve associado à construção de uma capela, por um antigo morador chamado Teodoro de Assis, nas terras que pertenciam a Lourenço de Godoy e foram doadas por ele^[6].

A capela foi dedicada ao Senhor Bom Jesus e o local passou a ser o ponto de encontro das pessoas que ali moravam ou passavam.

Com o tempo, as primeiras casas começaram a surgir próximas à capela, construídas pelo Capitão José Inácio Teixeira. O local aproximado da primeira capela seria onde hoje está localizado o coreto da praça principal.

Em 1887, o local passou a ser reconhecido oficialmente como um distrito de Amparo, denominado Bom Jesus de Monte Alegre. Na ocasião, recebeu as primeiras infraestruturas: subdelegacia de polícia, escola municipal e agência dos Correios^[6].

Desde o seu surgimento, quando ainda pertencia a Amparo, Monte Alegre do Sul recebeu vários nomes; já foi conhecida como Bairro Capelinha, Bairro dos Farias, Bom Jesus de Monte Alegre e Ibiti.

Após a emancipação de Amparo, passou a ser denominada de **Monte Alegre do Sul**, em referência ao padroeiro e ao relevo característico da região^[6].



Coreto localizado na Praça Bom Jesus, local onde consta que foi construída a primeira capela que deu origem a Monte Alegre do Sul. Foto: Cristina Criscuolo.

Observe abaixo alguns dos locais associados à origem do município de Monte Alegre do Sul e como eles se pareciam em alguns momentos do século XX:

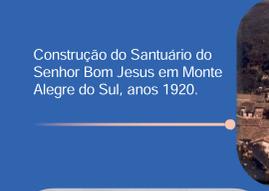
A publicação "Cidade Presépio", de julho de 1947, organizada por Lucila Valente, traz, sob o título "Monte Alegre: primórdios de sua fundação", um breve histórico que se inicia da seguinte forma: "Em fins do regime monárquico alguns homens se estabeleceram neste ubérrimo vale do Camanducaia e formaram fazendas e sítios, onde predominavam as grandes matas e pequenas lavouras cafeeiras." Roberto Pastana Teixeira Lima, Apontamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010^[11].



Antigo prédio da cadeia de Monte Alegre do Sul na década de 1910 e construções em taipa de pilão. No prédio, em 2021, se localiza a sede da Associação Pro-Memória.



Avenida Viriato Valente (próximo à Escola Estadual Prof. Clodoveu Barbosa) entre as décadas de 1930/1940.



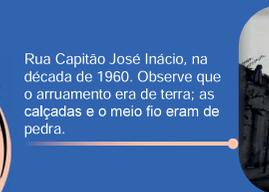
Construção do Santuário do Senhor Bom Jesus em Monte Alegre do Sul, anos 1920.



Praça Bom Jesus e coreto no ano 1939, local de relevante interesse histórico associado à origem do município de Monte Alegre do Sul.



Vista do centro antigo de Monte Alegre do Sul, por volta dos anos 1960. Observe o desenho da praça e da cidade.



Rua Capitão José Inácio, na década de 1960. Observe que o arruamento era de terra; as calçadas e o meio fio eram de pedra.

“Você reconhece outros locais em Monte Alegre do Sul que sejam de relevante interesse histórico? Anote em seu caderno e compartilhe com seus amigos a sua descoberta.”



Fotos: Acervo Projeto Memória.

A chegada da ferrovia

Por vários anos, o arruamento que se formou nas proximidades da antiga capela do Senhor Bom Jesus permaneceu sem muitas alterações^[1].

É provável que, no início, o pequeno largo e três ruas tivessem nascido ao mesmo tempo. A primeira rua era um segmento do caminho que se dirigia a Amparo e que mais tarde configurou-se na rua capitão José Inácio. A segunda, a que mais tarde se transformaria na coronel Luiz Leite e trecho da João da Serra, segmento da estrada que levava a Serra Negra. A terceira seria aquela mais tarde denominada Joaquim de Oliveira e que era um segmento da estrada que levava ao Paíol de Telhas e Socorro. O largo estaria na confluência das três ruas, onde, na bifurcação, havia sido instalada a pequena capela.

Roberto Pastana Teixeira Lima. Apontamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010^[1].

Enquanto a cidade de Monte Alegre do Sul se formava e permanecia com traçado similar ao verificado durante seu surgimento, a zona rural passava por um processo mais rápido de alteração da paisagem.

Em meados do século XIX, por exemplo, os terrenos de Monte Alegre do Sul foram desmatados para receber as lavouras de café. (...) Apenas 170 anos nos separam do tempo em que foram plantados os primeiros pés.

Roberto Pastana Teixeira Lima. Apontamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010^[1].

No início da ocupação de Monte Alegre do Sul, os deslocamentos humanos ainda eram todos feitos por estradas de terra, e essa situação perdurou nos primeiros anos, nos locais onde eram cultivadas as lavouras de café. Naquela época, o transporte da produção local até o Porto de Santos ainda era feito por tração animal.

Mas o café era um produto apreciado na Europa e altamente rentável para os proprietários de terras. Os cafeicultores, como eram conhecidos, ganharam fortunas com a produção e comercialização desse produto, também denominado de "ouro verde". A riqueza gerada pelo café foi a maior financiadora da construção da rede ferroviária na região Sudeste do Brasil.

O estado de São Paulo, por ser o principal centro produtor do café durante o século XIX, recebeu essa infraestrutura por meio dos recursos e da influência política dos fazendeiros e barões do café. A instalação das ferrovias foi fundamental para a modernização do transporte de carga e de pessoas e serviu para "encurtar as distâncias" entre as localidades, tornando-as mais acessíveis e dinâmicas.

Naquele momento histórico, o café passou a ser transportado para o Porto de Santos a partir das ferrovias. A região de Campinas fixou-se como um centro modal na segunda metade do século XIX, a partir da inauguração da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. No fim do século XIX, Campinas chegou a operar com várias companhias férreas que viabilizaram o transporte do café produzido na região, tais como:

- Companhia Paulista de Estradas de Ferro;
- Companhia Ituana de Estradas de Ferro (Estrada de Ferro Sorocabana);
- Companhia do Ramal Férreo Campineiro;
- Companhia Agrícola do Funil – Estrada de Ferro Funilense;
- Companhia Mogiana de Estradas de Ferro^[5].

Percebendo a grande importância desse transporte, a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro foi fundada a partir da Lei Provincial n° 18, de 21 de março de 1872, para ligar a região de Campinas ao grande centro produtor daquela época: a região de Amparo e Mogi Mirim^[31].

A estrada de ferro partia de Campinas em direção a Jaguary, atual Jaguariúna, e tinha um ramal que se estendia até Amparo e Casa Branca, passando pela cidade de Mogi Mirim^[31]. A Companhia Mogiana foi construída para ligar as regiões produtoras de café localizadas nos estados de São Paulo e Minas Gerais.

A Estação de Amparo começou a operar durante os últimos anos do Império, em 1875^[31], e, em 1890, com o Brasil como República, a Companhia prolongou o ramal até Monte Alegre^[6]. Naquela época, Monte Alegre havia acabado de se transformar em distrito de Amparo. O café produzido na região passou a ser transportado para Santos por meio da ferrovia, e a tração animal servia para levar a produção das fazendas até as estações.



A ferrovia proporcionou maior fluidez ao transporte do café e diminuiu as perdas que ocorriam pelos caminhos, até então precários. Mesmo que o café tenha sido o principal motivo para a implantação das ferrovias naquele período, outros setores da economia e da sociedade também se beneficiaram dessa infraestrutura. O comércio, por exemplo, intensificou-se entre os locais, a partir das trocas constantes que havia entre as cidades maiores e as menores. Pessoas iam e vinham, produtos até então restritos às grandes cidades passaram a ser comercializados com maior facilidade. As novidades chegavam a todo tempo, mudando a forma como as pessoas se relacionavam entre si e com o espaço. O valor das terras também aumentava à medida que se localizavam próximas às estações do trem^[31].

A chegada do ramal férreo atraiu novos moradores e investimentos para a região. No então Distrito de Ibiti, por exemplo, após a vinda da ferrovia, o local passou a contar com serviços de luz elétrica e de telefonia^[6].

A estação localizada em Mostardas foi inaugurada alguns anos depois, em 1908, em razão do prolongamento do ramal de Amparo até Socorro^[31]. Os trens que partiam para Socorro saíam de uma estação (reversão) que ficava próxima à Estação de Monte Alegre. A reversão servia para que as locomotivas pudessem ser manobradas, mudando seu sentido para prosseguir a viagem de retorno ao local de origem^[31].

Locomotiva da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, na Estação de Monte Alegre do Sul (SP). Foto: Cristina Aparecida Gonçalves Rodrigues.

Observe a paisagem de Monte Alegre do Sul na década de 1950, quando os morros eram ocupados pelo café e os trens circulavam pela região:

Gradativamente, após a década de 1930, as estradas de ferro da região caminharam para o declínio, acompanhando o fim do Ciclo do Café no Brasil.

Esse período foi marcado pela mudança da base econômica nacional, com a implantação da atividade industrial nos grandes centros urbanos, pelo êxodo rural, pelo fortalecimento dos meios de transporte rodoviários, que proporcionavam maior velocidade aos deslocamentos, pela diversificação das culturas agrícolas, entre outros.

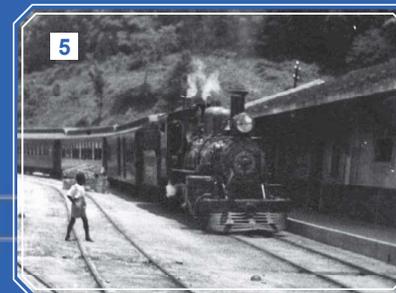
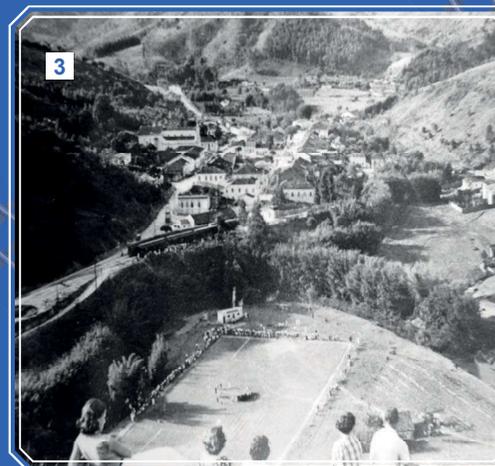
Com isso, houve o encerramento dos serviços prestados pelas ferrovias na região durante a década de 1960. Em 1966, foi veiculada uma notícia aos habitantes locais sobre a desativação dos ramais férreos.



(1) Plantações de café nos morros do vale do Camanducaia, onde atualmente se localiza o Polo Regional Leste Paulista da APTA. (2) Passageiros ao desembarcarem do trem, na estação de Monte Alegre.
Fotos: Acervo do Projeto Memória.

COMPANHIA MOGIANA DE ESTRADAS DE FERRO
SUPRESSÃO DE RAMAIS DEFICITÁRIOS
 A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro comunica que, devidamente autorizada pelos poderes públicos, suprimirá o tráfego ferroviário nos seguintes trechos — suas linhas, a partir da zero hora do dia 16 de setembro próximo:
RAMAL DE AMPARO: de Amparo a Monte Alegre do Sul;
RAMAL DE SOCORRO: de Monte Alegre do Sul a Socorro;
RAMAL DE CAJURU: de Amalia a Cajuru.
 Campinas, 29 de agosto de 1966.
 General Cláudio de Assumpção Cardoso
 Presidente da Diretoria

Fonte: GiesbrechtSM.

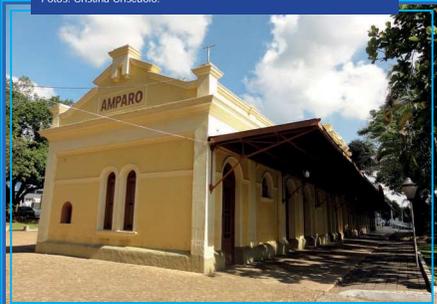


(3) Observe a estação ferroviária de Monte Alegre do Sul. (4) Antigo leito carroçável da Mogiana, próximo a cachoeira das Andorinhas. Na foto da década de 1970, já estava desativado. (5) O trem, ao entrar na estação de Monte Alegre.
Fotos: Acervo do Projeto Memória.

Observe algumas estações que pertenceram à Companhia Mogiana e como elas estão atualmente



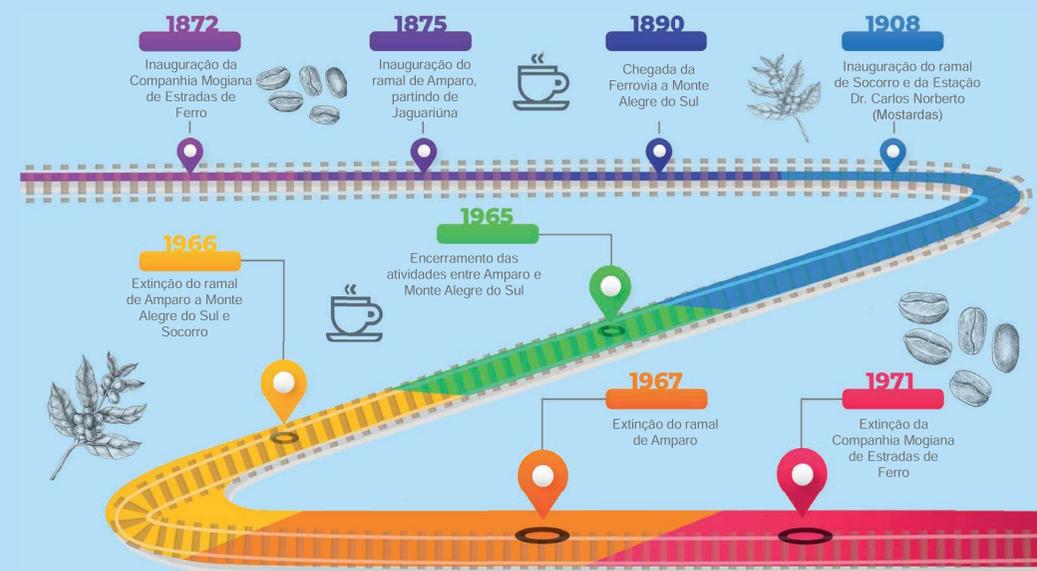
Estação de Jaguaruna (antigamente pertencia ao município de Mogi Mirim), atualmente em operação para fins turísticos (acima). Abaixo, Estação de Amparo, desativada em 1967^[31]. Fotos: Cristina Criscuolo.



Estação de Monte Alegre do Sul, desativada em 1965^[31] (acima). Abaixo, Estação Dr. Carlos Norberto (Mostardas), desativada em 1966^[31]. Fotos: Acervo Projeto Memória.



Veja também a linha do tempo com os principais acontecimentos relacionados à operação da Companhia Mogiana na região de Amparo^[31; 33]



E, no tempo do café, também vieram os imigrantes

Os ameríndios, os povos africanos e os imigrantes europeus foram essenciais para a formação da identidade cultural das regiões produtoras de café. Além do colonizador e imigrante português, também estabeleceram-se na região muitos italianos, suíços e alemães, para trabalhar no campo e nas cidades^[1]. Os imigrantes desembarcavam no Porto de Santos e instalavam-se em locais onde havia demanda por mão de obra; a maioria deles, em sítios e fazendas produtoras do café. No fim do século XIX, o trabalho escravo tornou-se menos vantajoso no sistema produtivo cafeeiro e o governo brasileiro, influenciado pelos interesses dos cafeicultores, estimulou a vinda de estrangeiros que pudessem trabalhar nas lavouras de café.



Chegada de imigrantes no Porto de Santos (SP). Ao lado, trabalhadores imigrantes nas roças de café. Fotos: Arquivo Público do Estado de São Paulo, s.d.^[2].



Benção dos cafeteiros

Emprego de café

A pesquisadora Cláudia Felipe da Silva, em sua tese de doutorado, relata sobre as condições degradantes que viviam os povos escravizados que habitavam na região de Serra Negra (SP) durante o século XIX. Entre os aspectos apresentados pela autora, em sua obra, há depoimentos que revelam as privações de direitos, as proibições de expressão cultural e da divisão de trabalho que existia entre eles e os imigrantes europeus^[3].

Foram criados programas de atração de imigrantes. Propagandas veiculadas na Europa divulgavam oportunidades para famílias que desejassem vir para o Brasil fixar moradia e trabalhar nas lavouras de café. Nos programas de incentivo à imigração, o governo brasileiro propunha algumas facilidades, desde custear o transporte de navio de famílias da Europa até a fixação delas nas fazendas onde passariam a viver^[4].

A propaganda do governo fez muito sucesso, pois, no fim do século XIX e início do século XX, a Europa passava por profundas transformações. Era um momento histórico turbulento. Se, por um lado, havia a modernização ocasionada pelos avanços da ciência e das técnicas, por

outro lado havia ainda fortes vínculos de heranças do período feudal na sociedade. As crises eram constantes, as cidades eram repletas de pessoas à procura de emprego. Vivia-se a Segunda Revolução Industrial, que provocou alterações nas relações de trabalho e consumo.

O Velho Continente era todo segmentado em reinos, ducados ou pequenas repúblicas, que foram fundidos em estados-nação por processos de unificação de territórios. Naquela época, entendia-se que a formação de vastos e bem definidos impérios era essencial para os países se firmarem como grandes potências. A unificação



Guia do governo paulista veiculado na Itália com instruções sobre como imigrar para o Brasil. Fonte: Souza^[5].

Hoje, quando se refere à imigração italiana no Brasil tem-se que levar em conta que, 'entre 1875 e 1935', aportaram mais de 1,5 milhões de peninsulares, 70% dos quais ficaram em São Paulo'. (...) 'Entre 1875 e 1914, entraram no Rio Grande do Sul entre 80 e 100 mil italianos'. (...) 'No Espírito Santo calcula-se em 40 mil o contingente de imigrantes nesse mesmo período.

As diversas regiões da Itália contribuíam com diferentes proporções para formar essa massa migratória. Sabe-se que: 'de 1876 a 1886 a primazia pertenceu ao Vêneto, ao Piemonte e à Lombardia; estas três regiões forneceram sozinhas, 64,4% da inteira imigração'.

Os estudos sobre a imigração italiana, tanto no Rio Grande do Sul quanto no Espírito Santo ou em muitas das regiões do interior paulista, confirmam esses números e mostram que, nos primeiros tempos, os imigrantes provinham quase que exclusivamente da região norte da Itália. Cabe salientar, entretanto, que computados nesses números estão aquelas famílias que vieram do Trentino, região que hoje pertence à Itália, mas que, até 1919, pertenceu à Áustria.

Não que o número de trentinos fosse tão grande que ofetasse em muito as proporções acima apresentadas, mas porque é justamente do Trentino a primeira imigração de italo-austriacos para o município de Amparo. A gente do norte da Itália havia participado ativamente nas tentativas de unificação, desde os primeiros movimentos insurrecionistas de 1821 e 1831.

Roberto Pastana Teixeira Lima. Aportamentos para a história de Monte Alegre do Sul, 2010^[6].

ocorrida na Europa no século XIX definiu as fronteiras dos países, tornando-as muito semelhantes ao quadro que conhecemos atualmente. Porém, o processo foi marcado por conflitos, guerras, fome e desemprego. Nos anos que se seguiram após a unificação, as pessoas enfrentavam muitas dificuldades advindas das desigualdades sociais. Os conflitos entre territórios duraram vários anos, gerando dificuldades para as famílias e pessoas. Nossos imigrantes viviam esse tempo de mudança cultural no seu território de origem, e a vinda para a América era uma oportunidade de sobrevivência e ascensão social^[7].

No Brasil, também estávamos passando por mudanças políticas, com a transição do Período Imperial para o Período Republicano. As cidades situadas nas regiões cafeeiras estavam em pleno processo de expansão. Naquela época, muitos fazendeiros também possuíam casas nas cidades.

A presença da ferrovia foi importante nesse período, pois contribuiu para facilitar o acesso das pessoas às regiões cafeeiras. Assim, Amparo e Monte Alegre do Sul receberam famílias de imigrantes. A influência desses povos é evidente na formação dos municípios da região, e está expressa nas construções históricas, na gastronomia, na cultura da uva, na produção de vinho, nas manifestações culturais e no modo de ser e viver dos habitantes locais.

Os imigrantes em Monte Alegre do Sul

Os primeiros levantamentos feitos a partir da análise de documentos históricos indicam a chegada de europeus em Monte Alegre do Sul entre 1876 e 1935. Nos documentos consultados, há registro de 182 sobrenomes diferentes de imigrantes, sobretudo italianos e austríacos, que entraram sozinhos ou acompanhados de suas famílias. Os sobrenomes encontrados no levantamento foram representados na figura abaixo⁽³⁷⁾:

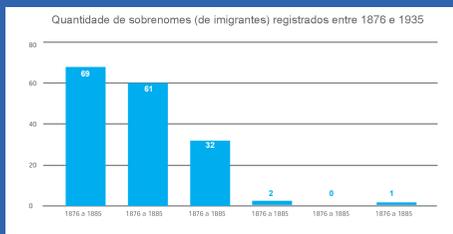


Se você conhece outra família que não está indicada na nuvem de palavras, contribua com a pesquisa. Acesse:



Nem todos os registros nos documentos consultados apresentavam dados completos. Alguns traziam a data de chegada, outros, somente o local de origem das pessoas. Durante a tabulação dos dados, também foi verificado que alguns sobrenomes estavam repetidos em duas ou mais listas diferentes.

Do total de 182 registros, foram identificados 165 que continham a data de chegada do imigrante na região. Os dados foram organizados e o resultado demonstrou que a maior parte (71,4%) das chegadas ocorreu entre 1876 e 1885⁽³⁷⁾. Observe os detalhes no gráfico:



Do total, 181 registros relatavam o local de instalação dos imigrantes na região de Monte Alegre do Sul. Em 16,02% constava apenas a informação de que havia sido em Monte Alegre. Porém, os demais registros indicavam que se instalaram:

- 33,15% na Fazenda Salto Grande;
- 8,29% em Três Pontes;
- 5,52% em Mostardas/Carlos Norberto;
- 4,97% no Bairro dos Limas;
- 3,31% na Barra;
- 3,31% no Brazinho;
- 3,31% no Falcão.

Os 22,12% restantes da lista distribuíram-se entre os bairros: Fazenda Paraíso, Moenda, Lambedor, Ponte Preta, Mato Dentro, Vargem Grande, Godoys, Forquilha, Goiabal, Fabricio, Ponte Alta, Paiol da Telha, Fazenda da Barra e Fazenda São Miguel.

Nuvem de palavras com sobrenome das pessoas identificadas na pesquisa. Fonte: Lima⁽³⁷⁾.

Outra informação interessante encontrada no levantamento preliminar foi o local de origem dos imigrantes que chegaram a Monte Alegre do Sul naquele período. Essa informação estava em 163 do total de 182 registros. O mapa indica os locais de origem informados por esses imigrantes.



Escreva um texto em seu caderno sobre a influência da imigração em Monte Alegre do Sul, espresse na culinária, espresse, música, arte, entre outros.

Assim esses homens da Europa adaptaram-se aos vales de Monte Alegre do Sul e passaram a não viver sem eles. Eles são os vales e os vales são eles. Quando, na virada do século XIX para o XX, os baixos preços do café inviabilizaram essa lavrura, os imigrantes de Monte Alegre, pequenos proprietários, sobreviveram dos vales. Produziram de tudo, como me confidenciou seu Caetano Parva Lopes. Ovos, carne de porco, leite, hortaliças e frutas, sobretudo a uva in natura, o vinho e a grapa, tudo serviu como fonte de renda e subsistência. Tudo foi vendido nos mercados, tudo foi vendido de porta em porta. E, pois, nas encostas e nos vales, nas colinas, que se encontram as imagens do passado mais bem preservadas, os costumes, os artefatos, as superstições da vida tradicional. São construções antigas que se perpetuam num espaço em que muitos dos velhos métodos de agricultura não puderam dar lugar às técnicas modernas, quer pelos custos, quer pelas dificuldades impostas pelo terreno.

Roberto Pastana Teixeira Lima. Apointamentos para a história de Monte Alegre do Sul. 2010⁽³⁸⁾.

Origem das famílias imigrantes radicadas em Monte Alegre do Sul entre 1876 e 1935, obtidas em levantamento preliminar. Fonte: Lima⁽³⁷⁾.



Jogo de bocce: tradição entre os imigrantes italianos. Foto: Acervo Projeto Memória.



Palavra do idioma italiano grafada no portal de entrada da cidade, que nos remete a presença histórica dos imigrantes na região. Foto: Cristina Criscuolo.



Tulha-adega: construção de pedra típica da cultura italiana para armazenar o café e o vinho. Foto: Cristina Criscuolo.

O estabelecimento da fruticultura na região de Monte Alegre do Sul

A grande crise mundial que ocorreu em 1929 marcou o término do Ciclo do Café no Brasil. O Ciclo do Café é o período no qual a cafeicultura era a principal atividade econômica desenvolvida no País. Isso não significa que após o encerramento desse ciclo, marcado pela monocultura, a cafeicultura tenha sido erradicada do País e da região onde se implantou. Durante aquele momento da história, desencadeado pela grande crise de 1929, muitos fazendeiros perderam suas fortunas da noite para o dia. Para compensar os prejuízos, propriedades rurais tiveram que ser colocadas à venda e subdivididas em lotes menores. Se, por um lado, houve prejuízo aos fazendeiros, por outro lado, houve oportunidade para a ascensão social de famílias de imigrantes, que puderam adquirir terras e tornaram-se proprietárias rurais.



Cobertura do solo degradada, mostrando plantações de café e erosões ocasionadas pelo manejo incorreto do solo, durante a década de 1940 em Monte Alegre do Sul.
Foto: Kuhlmann^[9].

Mesmo com a economia cafeeira em declínio, as plantações de café permaneceram na paisagem, dividindo espaço com a criação animal e com outros produtos agrícolas. Naquela época, os produtores rurais enfrentaram dificuldades financeiras e carência de técnicas que pudessem orientá-los sobre como cultivar corretamente os produtos da agricultura.

Essas situações também ocasionaram problemas para o meio ambiente, como a degradação dos solos provocada pelas erosões^[9]. Além disso, era importante introduzir novas culturas ou obter melhores resultados com as plantações. Na região, as lavouras de café se mantêm até os dias de hoje, porém cultivadas em propriedades rurais menores e dividindo espaço com outras culturas agrícolas e com a silvicultura.

Estudos e experimentos foram desenvolvidos para identificar oportunidades de novos negócios para a agricultura no estado de São Paulo, adequados às características ambientais e econômicas das diversas regiões. Na década de 1940, o governo do estado de São Paulo investiu na instalação de centros de pesquisa especializados em agricultura e vinculados ao Instituto Agrônomo (IAC). Na região de Amparo, mais precisamente no então Distrito de Ibiti, foi instalado um desses centros de pesquisa, denominado Estação Experimental de Monte Alegre do Sul.

A Estação Experimental foi criada em 1942 sobre o **Vale do Rio Camanducaia**, com o objetivo de desenvolver pesquisas científicas e orientar tecnicamente os produtores rurais, para que se tornasse possível e viável a produção de culturas de clima temperado e subtropical no estado de São Paulo. Com o passar do tempo, seu foco direcionou-se para, além do café, constituir-se em estação de monta, para melhorar o rebanho regional, e para estudar a implantação de variedades de frutas e hortaliças adequadas ao clima subtropical (com destaque para o morango e o pêssego)^[11].

Desde então as pesquisas desenvolvidas na Estação Experimental geraram conhecimentos adequados para a agricultura regional e de outras regiões paulistas com características ecológicas semelhantes. Tais avanços serviram para impulsionar o crescimento das culturas e dos setores da economia a elas relacionados.

Depois, esse vale abrigou a Estação Experimental, esse centro de pesquisas que já experimentou de tudo, da produção de pêssego, figo e ameixa à criação de variedades novas de morango e adaptação de inúmeras espécies de árvores e palmeiras para serem disseminadas pelas matas da região.

Roberto Pastana Teixeira Lima. Aportamentos para a história de Monte Alegre do Sul. 2010^[11].



Vista aérea do Pólo Regional Leste Paulista (Apta) de Monte Alegre do Sul em 2020.
Foto: Tiago Degaspari.



O projeto de criação da Estação Experimental obteve sucesso e foi essencial para que diversas culturas agrícolas pudessem estabelecer-se no estado de São Paulo, com destaque para o cultivo de frutas [34] como figo, pêssego, maçã, pera, uva, goiaba, ameixa e morango, que até hoje são muito importantes para a economia do estado. O morango, por exemplo, pôde fortalecer-se como um produto da agricultura estadual com o apoio das pesquisas produzidas na Estação Experimental de Monte Alegre do Sul, onde também foram desenvolvidas novas variedades adequadas às características ecológicas e ao gosto do consumidor brasileiro. No local também foram feitas pesquisas sobre os sistemas de produção de hortaliças e palmáceas.

A partir de 2002, a fazenda de Monte Alegre do Sul passou a ser gerenciada pela Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta), ligada à Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Ela atua como um polo regional de pesquisa e atendimento às demandas da região leste do estado [40]. A Apta "tem a missão de coordenar e gerenciar as atividades de ciência e tecnologia voltadas para o agronegócio" que ocorrem no estado de São Paulo [41]. Além da fazenda localizada em Monte Alegre do Sul, que atende os municípios da região, a Apta tem outras 16 fazendas experimentais. No **Polo Regional Leste Paulista**, como é atualmente denominado, destacam-se atualmente as pesquisas multidisciplinares sobre [41]:

- Agregação de valor e engenharia de alimentos;
- Fitotecnia e agricultura agroecológica;
- Avicultura;
- Piscicultura;
- Economia agrícola e desenvolvimento rural.

As pesquisas desenvolvidas na Estação Experimental e, atualmente no Polo Regional Leste Paulista, são importantes para orientar os produtores rurais quanto ao uso de técnicas adequadas ao cultivo, em atendimento às boas práticas agrícolas. O café ainda é uma cultura agrícola de destaque nos municípios da Serra da Mantiqueira. O café beneficia-se das **condições edafoclimáticas** da serra. Os produtos derivados do café plantado na região despertam interesse no mercado consumidor devido ao seu diferencial de qualidade, e atualmente buscam pelo seu reconhecimento a partir da indicação geográfica.

“As condições edafoclimáticas referem-se às características do solo e clima que interferem nos seres vivos de um local.”

A área onde se localiza o Polo Regional da Apta tem 352 hectares [42], nos quais se distribuem edifícios, campos experimentais e viveiros de mudas.
Foto: Tiago Degaspari.



Você conhece algum produtor rural que vive em Monte Alegre do Sul? Procure saber o que ele produz e como trabalha em sua propriedade.

Pesquisas conduzidas na Estação Experimental de Monte Alegre do Sul contribuíram para o fortalecimento da cultura do morango na agricultura nacional.
Foto: Tiago Degaspari.

A riqueza hídrica e suas particularidades

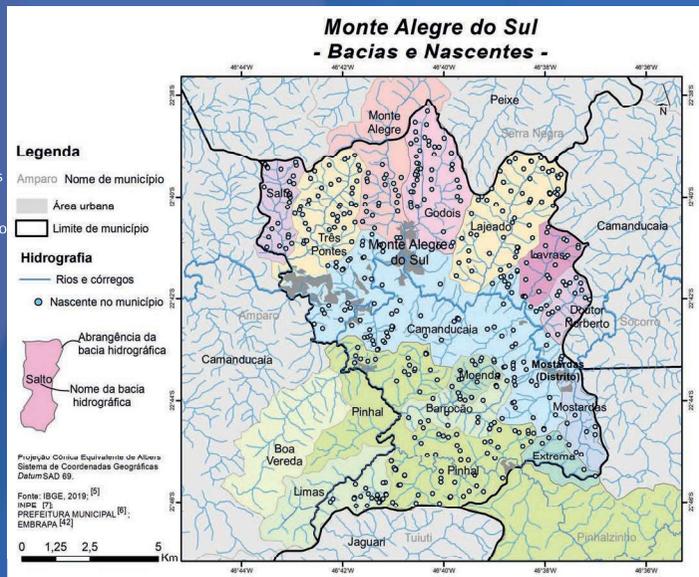
Monte Alegre do Sul está inserida na porção paulista da Serra da Mantiqueira, em zona de incidência do bioma Mata Atlântica.

É um conjunto de notável importância, com atributos relacionados à biodiversidade, à paisagem, ao clima e aos recursos hídricos, que se diferenciam daqueles das demais regiões do estado. As terras do município estão localizadas integralmente na Bacia Hidrográfica do Rio Camanducaia.

O mapa contém os principais cursos d'água existentes no município e suas sub-bacias. Verifique que alguns pequenos cursos d'água são drenados diretamente para o Rio Camanducaia, enquanto outros são drenados para afluentes que, por sua vez, vão desaguar no Rio Camanducaia em diversos pontos do município. O mapa mostra esses dois tipos de drenagem na área urbana do distrito Sede.

Observe a rede de drenagem local e verifique no mapa que o limite municipal não coincide totalmente com o limite das bacias, embora coincidam em alguns trechos.

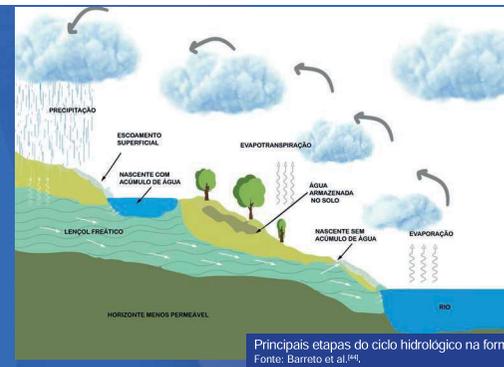
Em Monte Alegre do Sul, foram cadastradas 484 nascentes (ou minas d'água, como também são conhecidas) distribuídas pelo município^[42] conforme apresentadas no mapa. Os dados foram obtidos no Cadastro Ambiental Rural (CAR) e referem-se ao ano 2018. A proteção das nascentes é estabelecida por lei, visando a manutenção e integridade dos corpos d'água.



“A bacia hidrográfica é uma área onde ocorre a captação da água pluvial. Ela é delimitada por divisores topográficos, onde toda a água captada é dirigida ao ponto mais baixo, a foz de um rio.”^[43]

Os rios da nossa região são alimentados por uma infinidade de nascentes, em sua grande maioria localizadas nas áreas rurais. Tais processos de formação dos rios são regidos pelo ciclo hidrológico.

Atividade sugerida aos alunos:
Elabore uma redação em seu caderno sobre o percurso hipotético de uma gota de chuva ao cair no solo de Monte Alegre do Sul: de onde ela veio? Para onde ela irá? Como se integrará à paisagem?



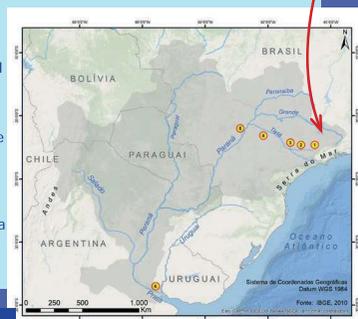
Principais etapas do ciclo hidrológico na formação dos rios. Fonte: Barreto et al.^[44]

Acompanhe o caminho percorrido pela água superficial do Rio Camanducaia. O ponto de partida é o local de maior altitude (onde ocorre a nascente) e a chegada, o de menor altitude (quando a água finalmente alcança o oceano)

- 1 O Camanducaia é o principal rio da região e a sua nascente ocorre no município de Toledo (MG). O Camanducaia é um importante afluente do Rio Jaguari, e o encontro dos dois rios ocorre na área rural do município de Jaguariúna (SP), onde, a partir de então, o Camanducaia também passa a se chamar Jaguari.
- 2 Já o Rio Jaguari e todos os seus afluentes se juntam ao Rio Piracicaba. O encontro dos dois rios ocorre no município de Americana, onde passam a se chamar Rio Piracicaba.
- 3 O Rio Piracicaba percorre o centro do estado de São Paulo e sua foz ocorre no município de Barra Bonita, onde ele desagua no Rio Tietê.
- 4 O Rio Tietê nasce na Serra do Mar e se orienta para o interior do estado de São Paulo. Depois que recebe as águas do Rio Piracicaba, ele segue seu percurso até os municípios de Itapura e Castilho (SP), para desagua no Rio Paraná.
- 5 Depois desse encontro, o Rio Paraná continua seu percurso em direção ao sul do País. Ele é o acidente geográfico que atua como divisa de estados da Federação, primeiro entre São Paulo e Mato Grosso do Sul e depois entre Paraná e Mato Grosso do Sul. Mais

ao sul, torna-se internacional, servindo de divisa entre o Brasil e o Paraguai. No município de Foz do Iguaçu (PR), o Rio Paraná atua como divisor de três países (Brasil, Paraguai e Argentina): esse ponto é conhecido como Tríplice Fronteira.

- 6 A partir de então, o Rio Paraná deixa o Brasil e segue o seu percurso internacional até juntar-se com o Rio Uruguai no estuário do Rio da Prata, localizado entre a Argentina (Buenos Aires) e o Uruguai (Montevideu). Após esse encontro, o Rio da Prata logo deságua no Oceano Atlântico.



Fonte: IBGE^[45]; IBDR-IDA^[46].

A água como recurso econômico associado ao turismo

Além dos rios, córregos e da diversidade das paisagens observadas ao longo de seus cursos, a região tem atributos relacionados à presença de água subterrânea de excelente qualidade, que verte em forma de fontes. Essas águas, com características especiais ditas minerais, com propriedades radioativas, desencadearam intenso fluxo turístico para a região impulsionando a economia, o que resultou na criação do Circuito das Águas.

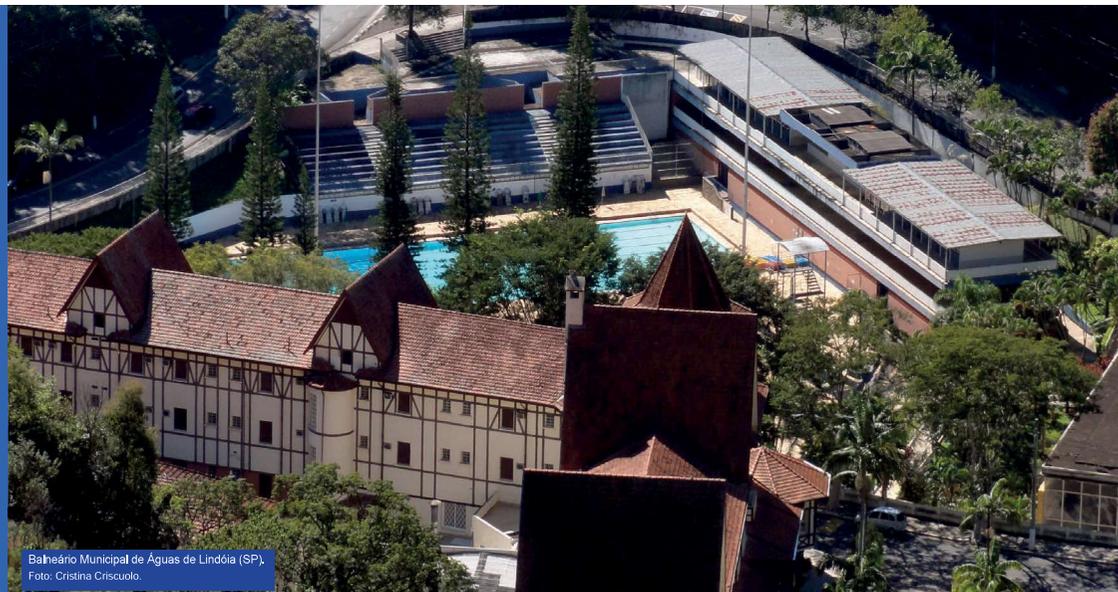
Historicamente o reconhecimento da região por suas águas minerais deu-se com a chegada a Serra Negra do médico italiano Francisco Tozzi em 1901. Ele veio, a convite de amigos, prestar serviços médicos aos proprietários de fazendas produtoras de café da região^{46, 47}.

Em certa ocasião, Dr. Tozzi ficou impressionado com a cura de um eczema em seu tio, então pároco em Lindóia, que afirmava ser devido ao uso das águas que jorravam de um morro denominado de "Águas Quentes". O ano era 1909 e, após seguidas idas ao local, o médico constatou que as águas de algumas fontes, uma delas mais quente que as outras, tinham propriedades curativas.

Ele acompanhou in loco muitas curas de enfermidades internas (rins, fígado, etc.) e externas (doenças de pele), confirmando o grande potencial terapêutico dessas águas. As observações do médico ao longo do tempo mostraram que as águas eram indicadas aos acometidos por cálculos renais, ácido úrico, eczemas, cefaleias, artrites, reumatismos e problemas circulatórios.

Com a propagação das histórias de curas, decidiu comprar o terreno junto das fontes, para construir um estabelecimento dedicado aos tratamentos. Em 1916, ele edificou seu consultório de pau-a-pique, iniciou o atendimento aos doentes e incluiu o consumo da água como tratamento. Na sequência, construiu um hotel, piscinas, balneário, igreja, casas para operários, pomar e demais benfeitorias. Dessas obras, surgiram as Thermas de Lindoia, em área pertencente ao então município de Serra Negra.

A radioatividade, importante característica dessas águas, já havia sido identificada pelo médico cientista Celestino Bourroul. Em 1926, ao ficar sabendo que a renomada cientista francesa Marie Curie, à época dedicada à pesquisa da radioatividade e detentora de dois prêmios Nobel (um de Química e outro de Física) viria ao Brasil para proferir palestras, resolveu convidá-la para conhecer as fontes e ajudá-lo a desvendar o mistério delas. A visita ocorreu em 15 de agosto de 1926, quando a radioatividade existente nas fontes foi associada ao seu poder curativo. Essa visita tornou



Balneário Municipal de Águas de Lindóia (SP).
Foto: Cristina Criscuolo.

a região mais atrativa ainda, alavancou de vez o turismo, e a fama das águas atravessou fronteiras nacionais e internacionais^{46, 47}.

A frequência de interessados em conhecer as Thermas de Lindoia trouxe crescimento para a cidade, fomentando o turismo associado ao uso da água. Graças a esse movimento de turistas foram construídos grandes hotéis com cassinos, como o Glória e o Mantovani. Em 1931, foi inaugurado o primeiro hotel com característica de balneário, o Rádio Hotel⁴⁸.

A pequena vila chamada Thermas de Lindoia viria a se transformar no município de Águas de Lindóia em 16 de novembro de 1938, quando foi

desmembrada de Serra Negra. Seu fundador, o Dr. Tozzi, havia falecido um ano antes.

Em 1959, foi inaugurado em Serra Negra o primeiro balneário dedicado ao tratamento de doenças, usando águas minerais, que passou a atrair turistas internacionais. Com o objetivo de controlar a utilização desses espaços, pensando em seu crescimento ordenado, originam-se as primeiras iniciativas de planos urbanísticos para estâncias hidrominerais, que tinham como proposta a criação de um novo tipo de cidade, valorizando a integração entre o natural e o construído, entre o campo e a cidade, com a construção de avenidas aliadas: áreas verdes e planos de arborização. Surgiam, assim, cidades-jardim,

aliando conforto e natureza: características especiais que buscavam atrair curistas e turistas.

Na década de 1960, consolidou-se também a atividade de extração e engarramento de água mineral, que se tornou a base econômica do município de Lindóia, emancipado em 1963. Cidades próximas, em virtude das características de seu clima e de suas águas, também perceberam a possibilidade de explorar seus recursos e, assim, Socorro, em 1978, e Monte Alegre do Sul, em 1964, obtiveram a certificação como estâncias hidrominerais e passaram a integrar o Circuito das Águas. Durante as décadas de 1970 e 1980, o governo estadual direcionou verbas que serviram para promover as estâncias hidrominerais e fortalecer o turismo como segmento econômico na região.

Pedreira e Jaguariúna, em 2004, e, bem mais recentemente, Holambra, em 2013, também passaram a integrar o Circuito, embora não sejam classificadas como estâncias hidrominerais apesar de disporem de reconhecidos recursos hídricos.

Em 2004, o Circuito das Águas tornou-se uma das primeiras regiões do estado de São Paulo a ser definida como circuito turístico. Mais que isso: nesse mesmo ano, foi constituído o Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento do Polo Turístico do Circuito das Águas Paulista, como veremos no Capítulo 3.

É bom saber que as estâncias hidrominerais são cidades que têm características climáticas bem determinadas, dotadas de fontes naturais de águas minerais, vapor ou lama, equipadas com instalações hoteleiras e outros elementos estruturais turísticos, além de serem utilizadas como espaço para tratamento terapêutico ou atividades físicas. No início, além das edificações voltadas para práticas lúdicas, havia cassinos contíguos aos balneários. O auge das cidades hidrominerais brasileiras ocorreu entre os anos de 1920 a 1946, período de afirmação das estações como lugares de cura, turismo e jogo. O hábito das temporadas nesses locais, nesse período, possibilitou o crescimento de cidades como Poços de Caldas, Araxá, Caxambu e Águas de Lindóia. A criação das estâncias hidrominerais no Brasil é estabelecida pela Lei nº 2.661, de 3 dezembro de 1955⁴⁹, mas acompanhou o histórico de avanços nas teorias médicas da Europa, onde, no século XIX, as disciplinas de Hidrologia Médica e Climatologia fizeram parte do currículo dos cursos de medicina, posteriormente também no Brasil. Estudam-se as propriedades químicas da água e do ar e, a partir desses resultados, prescrevem-se tratamentos terapêuticos nos quais o meio é a própria fonte de cura.

O turismo hidromineral em Monte Alegre do Sul

O Balneário da Estância de Monte Alegre do Sul foi construído no fim da década de 1940 e oferece aos visitantes ou turistas serviços de uso da água mineral para fins terapêuticos. Os interessados também buscam o consumo da água disponível nas **fontes**, **fontanários** e **chafarizes** encontrados pelo município.

O termo **fonte** admite diversos significados e esteve originalmente relacionado, ao longo da história, com a água que abastece os cidadãos.

É comum a expressão ser entendida como o manancial que brota da terra (do solo), e também ser chamada de mina, local onde há oferecimento de água. Pode haver uma construção para seu abrigo, provida de pelo menos uma bica ou torneira por onde corre a água, como há em muitas praças, jardins municipais ou nas casas de algumas pessoas.

Outros termos estão relacionados ao uso desses locais destinados ao consumo da água, entre os quais chafariz e fontanário são os mais comuns. Há diversas formas de conceituá-los. Estas são algumas:

Monte Alegre do Sul foi elevada à categoria de estância hidromineral em 1964 e recentemente foi reclassificada como estância turística⁽¹⁾.

- **Fonte** – local onde brota a água e no qual se instalam benfeitorias que possibilitam beber a água natural direto do manancial (a Fonte Bom Jesus é um exemplo). Em Geologia, diz respeito ao local onde surge a água.

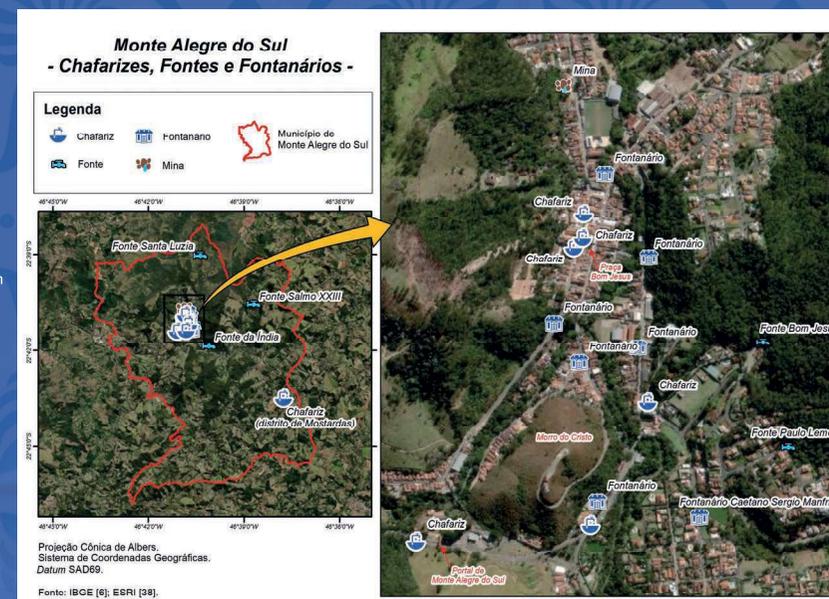
- **Mina** – mina d'água, nascente: local onde a água surge desprovida de melhorias para facilitar a sua utilização, geralmente nas beiras de estradas e em locais ermos. Também reconhecido como o local onde surge água mineral.

- **Chafariz** – edificado em locais públicos com diversos propósitos, como manter a umidade do ar com o efeito de jorrar água para cima, saciar a sede (inclusive de animais), servir de ornamento ou decoração, com esculturas, figuras, jorro e iluminação que o embelezem. Uma peça de arte que forneça a água pode ser considerada um chafariz, como, em Monte Alegre dos Sul, as peças em aço fundido dispostas na área urbana.

- **Fontanário** – é uma construção, ornamental ou não, provida de uma ou mais bicas, das quais jorra água potável ou mineral. Pode estar junto à fonte ou ser alimentado por água encanada. Geralmente situa-se em local aberto à visitação pública, como praças e jardins.



Balneário da Monte Alegre do Sul e fonte Bom Jesus, em meados da década de 1950. Foto: Acervo Projeto Memória.



Observe alguns exemplos de locais destinados ao consumo de água em Monte Alegre do Sul



1



2



3

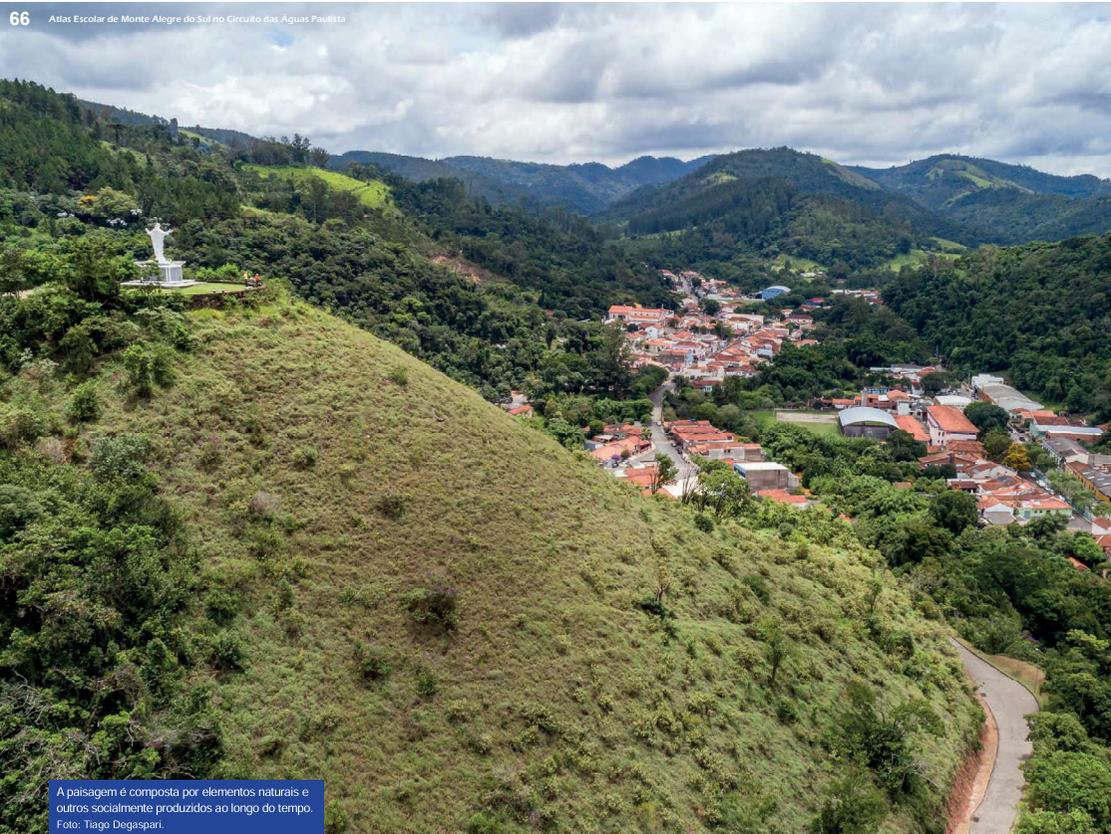


4



5

(1) Fonte Bom Jesus, (2) Chafariz em formato de peça artística localizado na Praça Bom Jesus. (3) Fontanário próximo a estação de trem. (4) Fontanário Girardelli, (5) Fonte da Índia. Fotos: Victor Grannier Bittencourt Pinto.



A paisagem é composta por elementos naturais e outros socialmente produzidos ao longo do tempo.
Foto: Tiago Degaspari.

A paisagem

Quando analisamos uma paisagem, conseguimos identificar os diversos elementos que se sobrepõem até compor uma cena complexa. Nossa visão é capaz de observar alguns elementos constituídos pela ação da natureza e outros formados a partir das intervenções humanas.

A paisagem é dinâmica, o que significa que está sempre em movimento. Algumas alterações na paisagem podem ocorrer de um dia para outro, em um curto espaço de tempo, e outras, por sua vez, podem demorar milhões de anos para acontecer.

Ao observarmos a paisagem, sempre podemos nos deparar com algo novo. Algum detalhe que não havíamos reparado anteriormente ou mesmo algumas cenas que mudaram ao longo do tempo.

O componente temporal é muito importante quando analisamos uma paisagem e tentamos compreender como os seus diversos elementos foram formados. Nesse contexto, o tempo pode ser analisado a partir de duas grandes categorias:

O tempo histórico: como vimos até aqui, nos revela as principais ações que aconteceram durante a passagem da espécie humana sobre um determinado local ou região. Assim, as intervenções ocasionadas pela sociedade a partir dos ciclos econômicos, da criação das cidades, das atividades agrícolas, industriais, entre outras, são alguns exemplos de como observamos os efeitos do tempo histórico na formação da paisagem. Para analisarmos os efeitos do tempo histórico sobre a superfície terrestre, podemos voltar no calendário milhares, centenas ou mesmo dezenas de anos. Nesse retorno, buscamos compreender como essas alterações ocorreram a partir das ações humanas, feitas de forma individual ou coletiva.

O tempo geológico: por sua vez, nos ajuda a compreender como se formaram as serras, as bacias hidrográficas, os rios, as espécies nativas da fauna e da flora, enfim, as características naturais do meio ambiente que nos cerca. Diferente do tempo histórico, o tempo geológico é analisado em milhares, milhões e até bilhões de anos, a partir da evolução natural do nosso planeta, com todos os seus elementos vivos ou inertes, que atuam em conjunto na busca pelo equilíbrio.

Observe a foto. Diante dos conceitos de tempo-histórico e tempo geológico registrados no texto, aponte os elementos que constituem a paisagem. Quais foram formados no tempo-histórico e quais foram formados no tempo geológico?

Analisar os efeitos do tempo sobre a paisagem requer estudos baseados em nossa observação e pesquisas científicas que envolvem diversas áreas do conhecimento, como Geografia, História, Sociologia, Antropologia, Geologia, Biologia, Paleontologia, Sociologia, entre tantas outras.

Podemos produzir, inclusive, uma narrativa poética sobre a formação da paisagem, como vocês verão a seguir.



Morros cobertos por vegetação na Serra da Mantiqueira.
Foto: Marcelo Martins Reis.

Tudo tem um início e uma história para contar

Marcelo Martins Reis

De uma esplendorosa explosão ela nasceu e com o peito em climas ao longo das eras passou por transformações. Num passado, por poucos imaginável e compreendido, pressões e estresses a moldaram em seu amadurecimento. As marcas da idade são falhas e dobras, os vales e as montanhas.

A lava quente que ainda corre em suas veias a mantém viva, acesa e intensa, e o calor contido em suas entranhas mostra sua força em erupções, num processo impulsionado por seu coração, onde um núcleo ardente de ferro e níquel promove a lenta dança dos continentes e o seu pulsar contínuo move as placas tectônicas provocando terremotos e acordando vulcões.

A Terra esteve em ação, como ainda está, e por incrível que pareça move-se com lentidão. Incontáveis vezes e outras tantas no futuro numa combinação irresistível de calor e movimento mudaram e mudarão o aspecto da superfície. Essas manifestações em períodos de milhões e milhões de anos ocorreram em tempos diferentes em distintas regiões do planeta, e o ser humano tem o privilégio de testemunhar pequenas mostras dessa força.

Imensas massas de lavas solidificadas foram comprimidas, fissuradas, fragmentadas, deslocadas, erodidas, penetradas por novas lavas e fortemente deformadas por forças grandiosas de várias espécies e sobre elas construíram novas rochas e ergueram-se montanhas.

As montanhas desde o momento em que surgiram foram palco de uma espantosa série de acontecimentos, pois logo que se pronunciaram as cristas e os cumes e as chuvas apareceram, pequenos cursos d'água começaram a trabalhar nos seus flancos, arrancando pequenos fragmentos de rocha e produzindo cascalhos e areia. A ação de ventos fortes e do gelo em certos momentos desprendiam as saliências. Os terremotos faziam cair periodicamente as rochas inseguras.

Os mares já formados batiam de encontro a elas, erodindo-as ainda mais em seus avanços e regressões deixaram as suas impressões como prova de seu passado.

Quando as montanhas ficaram mais velhas, os pequenos cursos d'água se transformaram em rios e aumentaram não só de volume, mas também de força de transportar. Dentro em pouco estavam arrastando grandes pedaços de rocha e continuavam a erodir, formando grandes depósitos ao sopé das serras e no final de seu curso, os mares.

E por sobre essa vasta cobertura rochosa já em decomposição os solos se formaram promovendo o aparecimento de vegetação.

É o sustento da vida.

O tempo geológico e o nosso tempo

A configuração geral do relevo e os elementos naturais que formam a paisagem resultam de processos ocorridos em longos períodos de tempo quando é considerada a escala temporal de existência humana. A Terra tem idade geológica calculada entre 4,5 e 5 bilhões de anos. A Geologia, ciência que se dedica ao estudo do planeta, divide a idade geológica em eras, épocas, períodos, idades e fases. A Tectônica é o ramo da Geologia que investiga a estrutura e as propriedades da crosta rochosa do planeta e sua evolução ao longo do tempo, dedicando-se em particular ao estudo de forças, processos e movimentos ocorridos em uma dada região e que deram origem às estruturas geológicas e às formas do relevo.

Há cerca de 3,9 bilhões de anos, o resfriamento do planeta permitiu a solidificação das rochas, dando origem a uma camada sólida externa sobre a superfície terrestre, que é a crosta. Abaixo dela está o manto, que é a segunda camada da Terra, localizado entre a crosta e o núcleo terrestres.

Ao que tudo indica, os processos de aglutinação das grandes massas continentais ocorreram pelo menos meia dúzia de vezes ao longo da história geológica da Terra. Nessa delongada história de evolução, em particular a partir de um processo de dispersão de massas continentais aglutinadas iniciado há cerca de 220 milhões de anos, ocorreram a formação e o crescimento de novos oceanos e a destruição de outros mais antigos.

Com o início do fraturamento das massas continentais ainda unidas, como o supercontinente Pangeia, começava a ativação de uma massa até então passiva, onde hoje é o Brasil, que levaria à abertura do Oceano Atlântico. Essa movimentação promoveu intensa atividade de falhamentos, com surgimento de milhares de fraturas e grande efusão de lava basáltica para a superfície terrestre.

Existem dúvidas quanto à ocasião em que ocorreu a separação final dos continentes, e esse é um dos temas mais efervescentes da Tectônica Global.

A figura ao lado ilustra uma hipótese de como teriam sido o planeta Terra e o Brasil há aproximadamente 240 milhões de anos. Observe a configuração dos continentes, como é diferente daquela que conhecemos atualmente⁽⁶⁾. O ponto vermelho em destaque corresponde à localização aproximada da região onde atualmente está localizado o município de Monte Alegre do Sul.

Localização aproximada do Brasil: 240 milhões de anos atrás



Ilustração do que poderia ter sido o Planeta Terra no passado geológico. Fonte: Scotese⁽⁶⁾.

Saiba mais sobre a formação dos continentes:



Até o começo do século XX, era consenso entre os cientistas que, desde quando a superfície terrestre solidificou-se, os continentes estiveram sempre na mesma posição em que estão até hoje. No entanto, evidências científicas mostraram que isso não ocorreu dessa forma.

Hoje sabe-se que a superfície terrestre não é fixa, mas sim composta por placas rochosas que se deslocam sobre o magma fluido. A Teoria de Tectônica de Placas é atualmente a mais aceita para explicar a formação dos continentes e relata a movimentação dessas massas rochosas que estruturaram os continentes e que se movem até hoje.

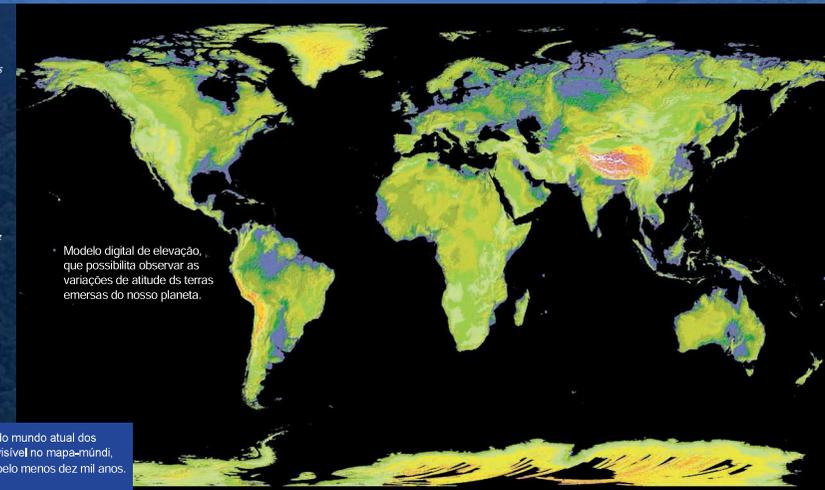
Uma das evidências mais notáveis da movimentação das massas continentais, também chamada **deriva continental**, está no próprio contorno dos continentes. Por exemplo, o "encaixe" quase perfeito entre o litoral leste da América do Sul e litoral oeste da África. A separação entre a África e a América do Sul decorreu da movimentação constante das placas tectônicas sobre o manto, movimento esse que aconteceu em todo o planeta. Toda essa movimentação dos continentes é responsável também pela formação das grandes cadeias montanhosas (Andes e Himalaia), por terremotos e atividades vulcânicas.

A teoria de que os continentes não estiveram sempre nas suas posições atuais foi sugerida pela primeira vez, em 1596 pelo holandês Abraham Ortelius, conhecido como pai do atlas moderno. Ortelius também é responsável pelo Theatrum Orbis Terrarum (1570), considerado o primeiro atlas da Idade Moderna, uma obra desenhada à mão, com 139 mapas coloridos.

Foi Ortelius quem sugeriu que as Américas foram rasgadas e afastadas da Europa e África por terremotos e inundações, e acrescentou que "os vestígios da ruptura revelam-se, se alguém trouxer para a sua frente um mapa do mundo e observar com cuidado as costas dos três continentes". Essa ideia de Ortelius seria retomada no século XIX.

Com a evolução da cartografia em 1620, Francis Bacon descobriu que a forma da costa leste da América do Sul encaixava-se perfeitamente com a costa oeste do continente africano, remetendo a uma possível separação em tempos remotos.

Configuração geográfica do mundo atual dos continentes (e oceanos) visível no mapa-múndi, representa um retrato de pelo menos dez mil anos. Fonte: NASA⁽⁶⁾.



Serra da Mantiqueira: a formação do nosso lugar

Mantiqueira é um termo de origem tupi-guarani, "amantikir", no qual "amana" significa chuva e "tiqueira", gotejar. Montanha que chora ou serra que chora, ou, ainda, serra das vertentes, chamada pelos ameríndios que habitavam a região por conta da grande quantidade de nascentes, cachoeiras e riachos encontrados em suas encostas.

Seu nome já indica a sua importância como fonte de água potável: seus rios abastecem um grande número de municípios do Sudeste do Brasil. É nela também que estão localizadas as mais conhecidas fontes de águas minerais do País, nas regiões de Poços de Caldas, Caxambu e São Lourenço (em Minas Gerais) e de Campos do Jordão, Águas da Prata e do Circuito das Águas (em São Paulo).



Unidades de relevo na região Sudeste do Brasil. Fonte: IBGE [62].

A Serra da Mantiqueira é um compartimento de relevo do País. Localizada entre as divisas de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro (conforme o mapa), tem 60%, 30% e 10% de sua extensão em cada um desses estados, respectivamente. É subdividida em uma série de serras e planaltos menores, que representam as suas extensões, como Serra do Caparaó, Serra de Itatiaia, Serra de Ibitipoca, Serra Negra, entre outros.

Apresenta uma linha de cumes mais elevada, que começa próximo a Bragança Paulista e segue na direção norte-nordeste, delineando as divisas dos três estados até a região do Parque Nacional do Itatiaia, de onde continua dentro do estado de Minas Gerais até Barbacena, com extensão de aproximadamente 500 km desde a cidade paulista. Essa estrutura mais elevada segue ao sul de Minas Gerais, formando serras e planaltos que recebem nomes locais. Nela encontramos umas das mais belas paisagens do País e vários picos com mais de 2.000 m de altitude, três dos quais estão entre os cinco mais altos do Brasil [61].

A Serra da Mantiqueira faz parte de antigos planaltos residuais da Era Arqueana, ocorrida há cerca de 3 bilhões de anos. Naquele tempo, ocorreu a separação das massas continentais do que hoje denominamos América do Sul e África e entre os dois continentes se abria o Oceano Atlântico. Durante o afastamento das placas tectônicas, as pressões atuantes entre elas provocaram um soerguimento, seguido de forte fragmentação e grandes desnivelamentos de blocos através de falhas. Essa movimentação foi responsável pela origem das serras do Mar e da Mantiqueira. Portanto, essas áreas têm em sua gênese o histórico da atividade tectônica, desde o momento quando surgiram como estruturas dobradas.

Pontos mais altos do Brasil (2016)

Topônimo	Localização	Estado	Altitude (m)	Latitude	Longitude
Pico da Neblina	Serra do Imeri	AM	2.995,30	00°48'00" (N)	66°00'27" (O)
Pico 31 de Março	Serra do Imeri	AM	2.974,20	00°48'21" (N)	66°00'19" (O)
Pico da Bandeira	Serra do Caparaó	ES/MG	2.891,30	20°26'05" (S)	41°47'45" (O)
Pedra da Mina	Serra da Mantiqueira	MG/SP	2.798,10	22°25'42" (S)	44°50'35" (O)
Pico das Agulhas Negras	Serra do Itatiaia	MG/RJ	2.790,90	22°22'49" (S)	44°39'42" (O)

Fonte: IBGE [61].

As altas temperaturas e pressões ocasionadas durante os dobramentos orogênicos responsáveis pela formação da Serra da Mantiqueira deram origem às rochas metamórficas. Em Monte Alegre do Sul, as rochas mais frequentes são as metamórficas, com destaque para gnaisses e quartzitos, com formação muito antiga, do período Pré-Cambriano [64]. As terras mais baixas e aplainadas, que configuram as depressões, são predominantemente esculpadas em rochas metamórficas menos resistentes, como os micaxistos, filitos e outras.

As altitudes elevadas da Serra da Mantiqueira resultam em temperaturas amenas durante o dia e mais frias durante a noite. No inverno, são regularmente registradas temperaturas próximas a ou abaixo de zero, e podem ocorrer geadas e até neve em seus picos. Esse clima é conhecido como tropical de altitude.

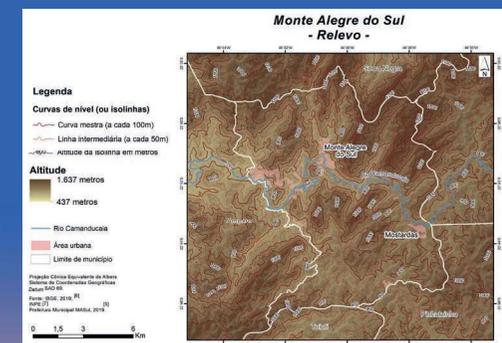
A porção paulista da Serra da Mantiqueira destaca-se por seus atributos da geodiversidade (veja na próxima página) e da biodiversidade. A região tem notável importância para a população do Sudeste do Brasil, por ser mantenedora de bens ou serviços que a natureza e seus ecossistemas fornecem e que são indispensáveis para a nossa sobrevivência. Dessa forma, a natureza provê diversos serviços associados principalmente à qualidade de vida e ao bem-estar da sociedade, como qualidade da água e do ar, proteção contra desastres naturais e erosão, e manutenção da fertilidade dos solos.



Quartzitos e gnaisses são rochas metamórficas típicas da Serra da Mantiqueira e são frequentes em Monte Alegre do Sul. (1) Afloramentos de quartzito próximos ao portal de entrada da cidade e (2) gnaisses próximo à Fonte da Índia Obriçá. Fotos: Victor Grannier Bittencourt Pinto (1); Cristina Criscudo (2).



Observe na figura abaixo um modelo tridimensional do relevo que tem ao centro o município de Monte Alegre do Sul. Nele, é possível constatar as diferentes altitudes que compõem o ambiente. As maiores altitudes aparecem em tonalidades mais escuras. Nas proximidades de Monte Alegre do Sul, a Serra da Mantiqueira recebe as denominações locais de Serra do Bugio, do Braizinho ou de Santa Maria.



Fonte: Google Earth [63].

Geodiversidade: o sustento da Vida

Geodiversidade, termo pouco usado em nosso dia a dia, engloba a variedade de ambientes geológicos, fenômenos e processos geradores de paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais, incluídas também as águas superficiais e subterrâneas e as fontes hidrominerais, e é resultado dos processos das dinâmicas interna e externa da Terra.

Cada parte de nosso planeta apresenta geodiversidade própria, que pode ser identificada em diversas escalas de tamanho, desde os grãos minerais microscópicos nas areias até feições mais expressivas, como as cadeias de montanhas.

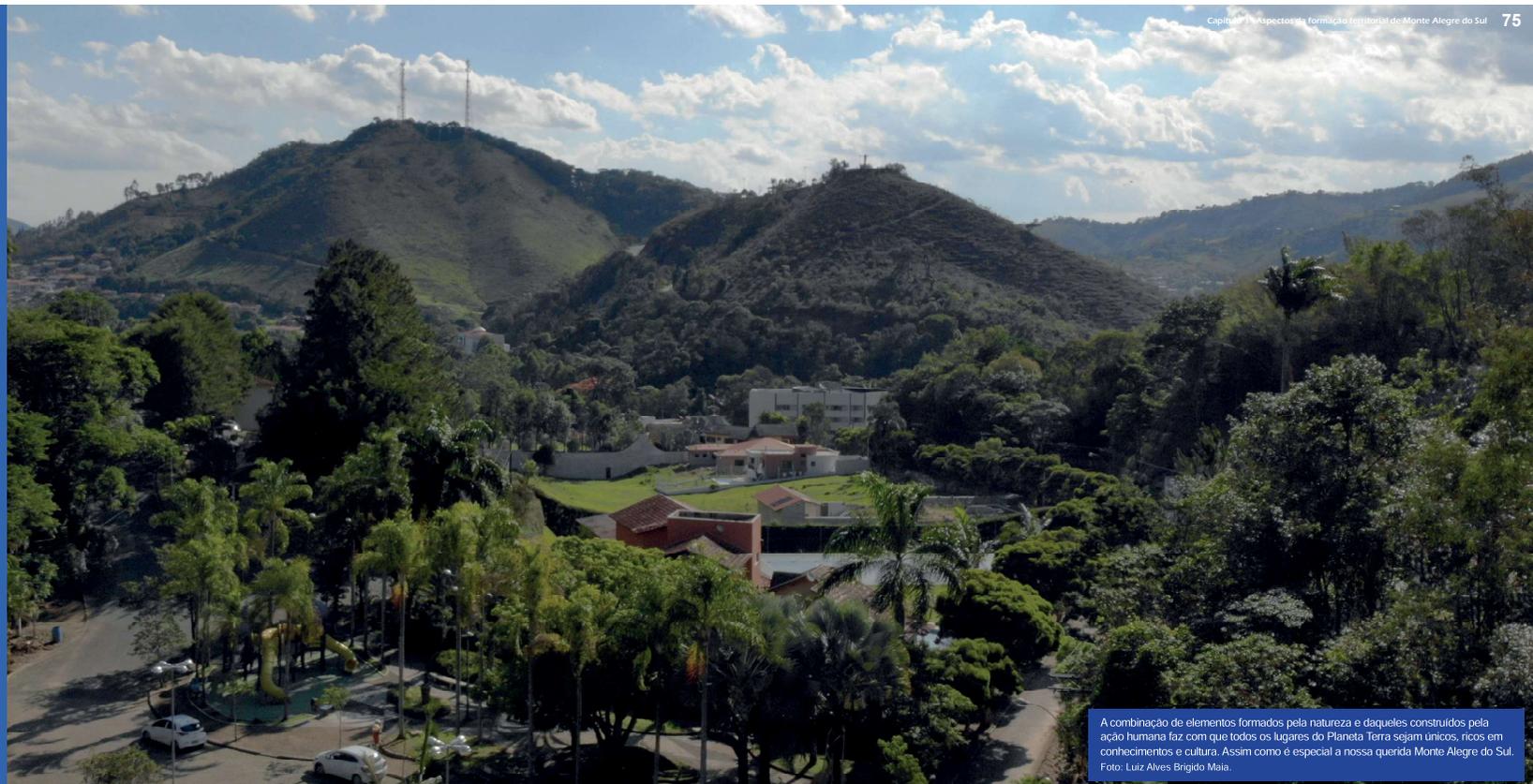
É importante ressaltar que a biodiversidade, termo muito comum para nós, congrega todas as espécies e seres vivos do planeta e é uma consequência da evolução, enquanto a geodiversidade refere-se ao arcabouço terrestre que sustenta toda essa vida, é resultado da lenta evolução geológica da Terra desde sua origem e constitui uma das variáveis essenciais para a diversidade biológica.

Nesse processo interdependente, as rochas decompostas pela ação do clima formam os solos, disponibilizando, assim, nutrientes, os quais são absorvidos pelas plantas, sustentando e desenvolvendo a vida e a economia no planeta Terra.

É neste substrato geodiverso que se instalaram os elementos da flora e fauna, os quais, quando combinados entre si, por suas singularidades (raridade), coincidências, agrupamentos, intocabilidades, origens, riscos e importâncias, configuram diferentes ambientes, com distintas valorações de riqueza e abundância, e nos quais se desenvolvem as diversas intervenções do ser humano, que faz sua apropriação dos mais variados recantos do planeta.

O legado da geodiversidade nada mais é que o patrimônio geológico que fornece elementos importantes para o desenvolvimento da identidade cultural dos indivíduos e territórios. Ele viabiliza o reconhecimento de aspectos que tornam os locais singulares, como ocorre nos municípios do Circuito das Águas Paulista.

Essas particularidades de cada um dos locais da Terra integram-se à biodiversidade e à sociedade por meio da história, cultura, do modo de vida, bem-estar e da saúde da população, e despertam interesse nas pessoas. Elas também podem contribuir, de forma interdisciplinar e multidisciplinar, para a educação formal dos alunos e para a educação informal de moradores, visitantes e turistas dos territórios, além de poder contribuir para a geração de emprego e renda sustentáveis.



A combinação de elementos formados pela natureza e daqueles construídos pela ação humana faz com que todos os lugares do Planeta Terra sejam únicos, ricos em conhecimentos e cultura. Assim como é especial a nossa querida Monte Alegre do Sul.
Foto: Luiz Alves Brígida Maia.

Referências

- [1] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo demográfico - 2010**, Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>. Acesso em: 11 abr. 2020.
- [2] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- [3] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Monografias municipais**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2972/momun_se_sp_montealegredosul.pdf. Acesso em: 23 set. 2020.
- [4] BRASIL, Presidência da República, Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos, **Lei nº 13.484, de 26 de setembro de 2017 que altera a Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13484.htm. Acesso em: 7 abr. 2021.
- [5] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Organização do território**: malhas territoriais. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>. Acesso: 13 out. 2019.
- [6] PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE MONTE ALEGRE DO SUL (SP), **Inventário turístico de Monte Alegre do Sul, 2017**, 100 p., (Documento em formato digital).
- [7] INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, **Topodata**. Disponível em: <http://www.dsr.inpe.br/topodata/index.php>. Acesso em: 14 out. 2020.
- [8] CÂMARA MUNICIPAL DE MONTE ALEGRE DO SUL (SP), **Lei Orgânica do Município de Monte Alegre do Sul. Lei nº 825, de 19 de abril de 1990**. Disponível em: <https://www.cmmontealegredosul.sp.gov.br/lei-organica.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- [9] CÂMARA MUNICIPAL DE MONTE ALEGRE DO SUL (SP), **Lei nº 448, de 11 de setembro de 1973, que dispõe sobre a instalação do brasão de armas e da bandeira do município de Monte Alegre do Sul**. Monte Alegre do Sul: Câmara Municipal, 2020.
- [10] PREFEITURA DE MONTE ALEGRE (SP), **Mapa digital com o limite dos bairros disponibilizado pela Diretoria de Educação**. Acesso em: 26 out. 2020.
- [11] LIMA, R. P. T. **Apontamentos para a história de Monte Alegre do Sul**. 3. ed. v. 1. Amparo: Artes Gráficas FOCA, 2010. 160 p.
- [12] RIBEIRO, S. B. (Coord.), **Jaguariúna no curso da história**. Jaguariúna: Secretaria de Educação de Jaguariúna, 2008.
- [13] MIRANDA, J. R. **Serra do Japi: uma testemunha da história da Terra**. Campinas: Komedii, 2009. 167 p.
- [14] ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA, **Britânica Escola**: capitania. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/capitania/483156>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- [15] CRISCUOLO, C. (Ed.), **Atlas escolar da Região Metropolitana de Campinas**. volume 2: agricultura em debate. Brasília, DF: Embrapa, 2018. 208 p. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/201345/1/4946.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- [16] PETRONE, M. T. S. **A lavoura canaveieira em São Paulo**: expansão e declínio (1765-1851). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. 241 p.
- [17] VILLA, M. A. **Histórias da História de São Paulo**: o Quadrilátero do Açúcar. São Paulo: Univesp TV: o conhecimento como bem público (Cursos Livres para Todos). Disponível em: <http://univesptv.cmais.com.br/historias-da-historia-de-sao-paulo/home/o-quadrilatero-do-acucar-1>. Acesso em: 15 maio 2017.
- [18] FUNDAÇÃO PINACOTECA BENEDICTO CALIXTO, **Tela de Benedito Calixto**. Rancho Grande. s.d. Disponível em: <http://www.pinacotecadesantos.org.br/Benedicto.aspx>. Acesso em: 15 maio 2017.
- [19] SUPRINYAK, C. E. **Tropas em marcha**: o mercado de animais de carga no Centro-Sul do Brasil Imperial. São Paulo: Annablume, 2008. 136 p. v. 1.
- [20] THÉRY, H., MELLO, N. A. **Atlas do Brasil**: disparidades e dinâmica do território. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

- [21] GANCHO, C. V.; TOLEDO, V. V. de, **Caminhos do boi**: pecuária bovina no Brasil. São Paulo: Editora Moderna, 1990. 56 p.
- [22] ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, **Documentos cartográficos**. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- [23] PREFEITURA MUNICIPAL DE AMPARO (SP), **As origens**: as duas fundações de Amparo. Disponível em: <https://www.amparo.sp.gov.br/turismo/as-origens-as-duas-fundacoes-de-amparo>. Acesso em: 6 jun. 2019.
- [24] FUNDAÇÃO SEADE, **Memória das estatísticas demográficas**. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/500anos/>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- [25] FUNDAÇÃO SEADE, **Desmembramentos dos municípios paulistas**. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/visualizacao/desmembramentospl/>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- [26] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **IBGE cidades**: história de Bragança Paulista. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/braganca-paulista/historico>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- [27] VEGRO, C. L. R.; BLISKA, F. M. M. Evolução e participação da cadeia produtiva do café do estado de São Paulo no agronegócio brasileiro. In: BLISKA, F. M. M.; GUERREIRO FILHO, O. (Org.). **Prospecção de demandas na cadeia produtiva do café no estado de São Paulo**. Campinas: Agronômico, 2007. p. 15-19.
- [28] RODRIGUES, J. A. **Atlas para estudos sociais**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977. 26 p.
- [29] BRASIL, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, **Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN)**. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_23/0/MAP/0001/BR_RJANRIO_23_0_MAP_0001_d0001de0001.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.
- [30] REIS, P. R.; CUNHA, R. L. **Café árabeica do plantio a colheita**. Lavras: Epamig, 2010. 896 p.
- [31] ANUNZIATA, A. H. F. **O patrimônio ferroviário e a cidade: a companhia Mogiana de estradas de ferro e Campinas (1872-1971)**, 2013. 338 f. 3 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/278948>. Acesso em: 28 out. 2020.
- [32] CARUSO JUNIOR, R. **Memórias de Poços de Caldas**: boletim da Companhia Mogiana. Disponível em: <http://www.memoriadepocos.com.br/2012/01/boletim-da-cia-mogiana.html>. Acesso em: 5 out. 2021.
- [33] GIESBRECHT, R. M. **Estações ferroviárias do Brasil**. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/dircnorberto.htm>. Acesso em: 28 out. 2020.
- [34] ROTTA, C. L.; JORGE, J. A.; OLIVEIRA J. B. de; KÜPPER, A. Levantamento pedológico detalhado da estação experimental de Monte Alegre do Sul, SP. **Revista Bragantia**. Campinas, SP, v. 30, n. 20, 1971.
- [35] SÃO PAULO (Estado). Arquivo Público do Estado de São Paulo. **Repositório digital**: fotos e filmes. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>. Acesso em: 13 jul. 2013.
- [36] SOUZA, G. P. M. de M. **Proposta didática**: imigração em São Paulo – uma abordagem humanizada e contemporânea. São Paulo: Laboratório de Ensino e Material Didático (LEMAD), Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2016. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/5359>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- [37] LIMA, R. P. T. **Italianos em Monte Alegre do Sul no final do século XIX e início do século XX (Primeiros levantamentos: agosto/setembro de 2017)**. Projeto Associação Pró-Memória de Monte Alegre do Sul, 2017.
- [38] ESRI. **ArcGIS online**. Base de dados vetoriais com limites territoriais dos países, 2014.
- [39] SÃO PAULO (Estado). Instituto de Botânica, **Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil**. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo, 1942. (Volume V organizado por KUHLMANN, M, Estudos florísticos e fitofisionômicos realizados na região de Monte Alegre, Município de Amparo, SP, em maio de 1942).
- [40] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Assessoria de Comunicação. **APTA implanta Pólo Regional do Leste Paulista, com sede em Monte Alegre do Sul**. Disponível em: <https://www.agricultura.sp.gov.br/noticias/apta-implanta-p%C3%B3lo-regional-do-leste-paulista-com-sede-em-monte-alegre-do-sul/>. Acesso em: 6 out. 2021.
- [41] CÂMARA MUNICIPAL DE MONTE ALEGRE DO SUL (SP), **A APTA e o município de Monte Alegre do Sul**. Palestra ministrada por Daniel Gomes em 28/04/2021. Disponível em: https://youtu.be/c2BH_3rwX54. Acesso em: 29 abr. 2021.

- [42] EMBRAPA TERRITORIAL. **CAR - Agricultura e Preservação Ambiental**: uma primeira análise do Cadastro Ambiental Rural. Disponível em: <https://www.embrapa.br/territorial/busca-de-solucoes-tecnologicas/-/produto-servico/4496/car--agricultura-e-preservacao-ambiental-uma-primeira-analise-do-cadastro-ambiental-rural>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- [43] TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M. de; FAIRCHILD, T. R.; TAJOLI, F. (Org). **Decifrando a terra**. São Paulo: Oficina de Textos, 2000, 568 p.
- [44] BARRETO, S. R., RIBEIRO, S. A., BORBA, M. P. (Coord.) **Nascentes do Brasil**: estratégias para a proteção de cabeceiras em bacias hidrográficas. – São Paulo : WWF - Brasil: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010, 140 p. Disponível em: <http://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/nascentes.pdf>, Acesso em: 9 mar. 2021.
- [45] THE WORLD BANK GROUP DATA CATALOG (IBDR-IDA), **Major River Basins of the World**. Disponível em: <https://datacatalog.worldbank.org/dataset/major-river-basins-world>. Acesso em: 07 abr. 2021.
- [46] MEDEIROS, D. C. C. de, **Viagens às estâncias hidrominerais de São Paulo**: cura, regeneração, divertimento e educação do corpo nas décadas de 1930 e 1940. 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322653/1/Meheiros_DanieleCristinaCarqueijeiroDe_M.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.
- [47] PREFEITURA MUNICIPAL DE ÁGUAS DE LINDÓIA (SP), **Fundação**. Disponível em: <https://www.aguasdelindoi.sp.gov.br/cria/fundacao>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- [48] BRASIL, Presidência da República, Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos. **Lei nº 2.661, de 3 de dezembro de 1955**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/12661.htm. Acesso em: 18 jun. 2021.
- [49] SCOTSESE, C. **PALEOMAP Project**. Disponível em: <https://www.earthbyte.org/paleomap-paleoatlases-for-gplates>. Acesso em: 9 mar. 2021.
- [50] NASA, National Aeronautics and Space Administration, **ASTER Global Digital Elevation Map**. Disponível em: <https://asterweb.jpl.nasa.gov/gdem.asp>. Acesso em: 11 jul. 2020.
- [51] IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Anuário estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, v. 79, p.1-1 - 8-50, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2019.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.
- [52] IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Atlas escolar**: mapas do Brasil, diversidade ambiental, unidades de relevo. Disponível em: <https://atlasescolar.ibge.gov.br/mapas-atlas/mapas-do-brasil/diversidade-ambiental>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- [53] GOOGLE EARTH, **Relevo da região de Monte Alegre do Sul**. Acesso em: <https://earth.google.com/web/@-22.68899177,-46.67958531,744.82987197a,2942.47393004d,35y,65.364452z,22h,67.83506475t,360r>. Disponível em: 6 abr. 2021.
- [54] FUNDAÇÃO SEADE, **Logística**: malha rodoviária. Disponível em: <https://portalgeo.seade.gov.br/download-de-dados/>. Acesso em: 6 abr. 2021.
- [55] SILVA, C. F. da, **Vida musical, imigração italiana e desenvolvimento urbano**: a trajetória sócio-histórico-cultural de Serra Negra, ao longo do século XX, 2017, 366 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322307>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- [56] INSTITUTO AGRONÔMICO (IAC), **Centro de café "Aldides Carvalho"**. Disponível em: <https://www.iac.sp.gov.br/areasdespesquisa/cafe/centrocafe2.php>. Acesso em: 5 out. 2021.
- [57] CÂMARA MUNICIPAL DE MONTE ALEGRE DO SUL (SP), Projeto de Lei nº 004/2003, que oficializa, para uso nas solenidades e festas cívicas do Município, o hino de Monte Alegre do Sul, e dá outras providências. Monte Alegre do Sul: Câmara Municipal, 2021.

